





EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W

VICENTE DE CARVALHO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

Poemas

e

Canções

QUARTA EDIÇÃO

(aumentada)

CASA EDITORA "O LIVRO" - S. A.

RUA BOA VISTA, 38-B

S. PAULO - BRASIL

1959

POEMAS E CANÇÕES

VICENTE DE CARVALHO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

Poemas
e
Canções

QUARTA EDIÇÃO
(aumentada)

CASA EDITORA "O LIVRO" - S. A.
RUA BOA VISTA, 38 - B
S. PAULO BRASIL
1919

ANTES DOS VERSOS

Prefacio de

EUCLYDES DA CUNHA.

Aos que se surpreenderem de ver a proza do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de numeros e diagramas. E' iluzorio o rigorismo matematico imposto pelo criterio vulgar ás formas irreductiveis da verdade. Baste atender-se em que o objetivo das nossas vistas teoricas está no descobrir uma simplicidade que não eziste na natureza; e que desta nos abeiramos, sempre indecizos, já tacteantes, por meio de aproximações successivas, já precipitadamente, fascinados pela mirajem das ipóteses. A propria unidade das nossas mais abstratas construções é enganadora. Nos ultimos trinta anos — nesta matematica tão, ao parecer, definitiva — idearam-se não sei quantas algebras, atravez de complicados simbolismos; e o numero de geometrias elementares, como nól-o mostra H. Poincaré, é hoje, lojicamente, incalculavel. Ainda mais: na mesma geometria classica sabe-se como se definem pontos, retas e planos, que não existem ou se reduzem a conceitos pre-estabelecidos sobre que se formulam postulados arbitrarios. Continuando: vemos a mecanica bazear-se, paradoxalmente, no principio da inercia universal, e instituir a noção idealista do espaço absoluto, em contradicção com tudo quanto vemos e sentimos.

Dest'arte se constróe uma natureza ideal sobre a natureza tanjivel. Ilude-se a nossa incompetencia para abranjer a simultaneidade do que aparece, por meio de

processos varios nos nomes pretenciozos, mas na essencia perfeitamente artisticos, porque consistem em exajerar os caracteres dominantes dos factos, de modo a facultar-nos uma sintheze, mostrando-nol-os menos como eles são do que como deveram ser. Assim nós vamos — edializando, conjeturando, devanejando. Na astronomia resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto á medida que ela encadeia os mundos, vai libertando-nos a imaginação. Os mais duros experimentadores sonham neste momento aos clarões indecizos das nebulozas, vendo abrir-se em cada estrela incandescente um vasto laboratorio onde trabalham os quimicos da terra descobrindo surpreendentes aspetos da materia... Proseguimos, idealizando flagrantemente a fizica, com a estrutura subjetiva de sólidos e fluidos perfeitos, e sistemas isolados, e até singularissimos fios inextensiveis, de todo em todo inezistentes; e romanceando a quimica definida pelo simbolismo imaginoso da arquitetura atomica de seus corpos simples, irreaes.

Até que na fizico-quimica, recém instituida e já intensamente iluminada pela percepção tran-substancial dos raios X, admitamos todas as utopias do misticismo transcendental, dos alquimistas, e não nos maravilhemos de que os pensadores mais robustos estonteiem e delirem como fakirs esmaniados, vendo, improvizamente, resplandecer no radium a alma misterioza da materia...

Assim nos andamos nós — do realismo para o sonho, e deste para aquele, na oscilação perpetua das duvidas, sem que se possa diferencar na obscura zona neutral alongada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tateia o misterio.

Apeamo-nos então, acobardados dessas presuntuozas cogitações. Encouchamo-nos, timidos, no esconderijo de uma especialidade. Constringimos a alma. Moralizamos razamente a vida, evitando a grande embriaguez dionizica da Vida. Renuimos ás fantasias perigozas: utilitarizamo-

nos... E ao cabo de tamanho esforço, para decermos até ao fastigio do massiço senso comum conservador e timorato — vemos com espanto, que mesmo no terra á terra da atividade profissional, todas as asperezas das nossas formulas empiricas e os traços rigorosos dos tira-linhas ainda se nos sobrederam de um recalitrante idealismo.

No pedaço de carvão de pedra, que acendemos na fornalha de uma locomotiva, reacendemos muitos raios de sol estintos ha milenios. A locomotiva parte, e não concretiza apenas o mito poetico de Faetonte. O que mais nos encanta é a imagem fulgurante da Força, renacendo e restaurando ao mesmo passo os esplendores de tantas auroras apagadas...

Pelas vigas metalicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se as "curvas dos momentos", que nos embridam as frajilidades traiçoeiras do ferro. E ninguem as vê, porque são ideaes. Calculamol-as; medimol-as; dezenhamol-as — e não ezistem...

E assim por deante — indefinidamente, em tudo o que fazemos e em tudo o que pensamos, ainda, quando lançados na trilha heroica da profissão vamos pulsear no dezerto as difficuldades e os perigos... Porque quando nos vamos pelos sertões em fóra, num reconhecimento penozo, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhos postos nos céos, contrafazendo a lira, que eles já não uzam, com o sestante, que nos transmite a harmonia silencioza das esferas, e seguindo no dezerto, como os poetas seguem na ezistencia.

... a ouvir estrelas!

Vêde quanto é falso o prejuizo da esterilidade das couzas positivas. Em pleno criterio determinista somos talvez mais sonhadores do que nos tempos em que ao injenuo finalismo teolojico bastavam duas silabas para descrever as maravilhas da Creação. Numa intimidade mais profunda

com o mundo exterior, a nossa idealização aumenta de um modo quasi mecanico. Estira-se-nos na visão deslumbrada. Alarga-se-nos nos novos quadros reveladores das imagens infinitas da natureza. E á medida que se nos torna mais claro o sentimento das energias creadoras que nos circulam, e vai eliminando-se do nosso espirito o velho espantalho da *discordia dos elementos*, de que tanto se apraziam os deuzes vagabundos, e nos sentimos mais equilibrados, mais fortes, mais solidarios com a harmonia natural — maior se torna a fonte inspiradora do nosso idealismo, fortalecido por impressões mais dignas da majestade da vida.

Se tivéssemos duvidas a este respeito, nol-as dissiparia o proprio espectáculo da ultima fase revolucionaria da poesia contemporanea, caracterizada pelo contraste entre a decadencia dos que a falseiam e a expansão crescente do sentimento estetico da humanidade. Realmente, o que se afigura a tantos profetas agourentos a morte proxima da poesia, é a demonstração *ad absurdum* da sua vitalidade mais ampla. Troca-se o efeito pela cauza. Nas varias escolas esporadicas — que vão do parnagianismo com a idiotice de seu culto fetichista da fórmula, ao simbolismo, com a loucura de suas idéas ezajeradamente subjetivas — o que parece a decadencia da poesia é apenas o disequilibrio e as emoções falsificadas dos que não podem mais comprehendel-a na altitude a que chegou o nosso pensamento. Considerando-se, de relance, apenas um dos estremos dessa longa cadeia de agitados — não seria dificil mostrar no desvio ideativo de Mallarmé, ou Verlaine, como outr'ora no satanismo de Baudelaire, os gritos desfalecidos de todos os fracos irritaveis, reconhecendo-se inaptos para entenderem a vida numa quadra em que o progresso das sciencias naturaes, interpretadas pelo evolucionismo, reaje sobre tudo e tudo transfigura, desde a ordem politica, onde se instaura o predominio economico dos povos mais ativos, glorificados na inspiração pro-

dijioza de Rudyard Kipling, até á filozofia moral, onde se alevanta a aristocracia definitiva do homem forte, lo-brigado pela vizão estonteadora do genio de Frederico Nietsche. Então veriamos, máo grado as blasfemias de tanto verso convulsivo, como um falso sceticismo pode significar a ultima tentativa da retrograda esplicação deista do universo. Os “poetas malditos”, que nos fazem rir com o truanesco de suas vizajens, são apenas ignorantes. A descrença nace-lhes da inviabilidade da crença. São almas velhas onde se acumulam as influencias ancestraes mantidas pela hereditariedade; e ainda quando se finjem de demonios ajitam-nos aos olhos o espetro da antiga fé agonizante. E falam-nos naturalmente numa lingua morta, de retardatarios, em estrofes onde os traços de dejenescencia rezultam sobretudo da incompatibilidade com os novos ideaes.

Baudelaire, entre os desconchavos de seu barbaro misticismo, teve, certa vez, um lance genial, ao definir-se

...un cimetière,

Oú, comme des remords, se traíment des longs vers...

Simbolo perfeito dessas organizações retrogradadas de *revenants*, a resuscitarem num periodo avantajado da ezistencia humana e para logo invadidos do desespero de já não sentirem o amparo das antigas verdades absolutas, que os alentavam outr’ora nos remotos tempos de onde saltam por atavismo—claudicantes no ritmo dos versos — para nos entristecerem com as suas queixas de almas doentes da nostalgia do sobrenatural. Porque o quadro que defrontam é outro. Encontram os céos mais azues, depois das induções de Tyndall; a terra mais vivaz, depois das generalizações de Lyell, evoluendo e transfigurando-se como um maravilhoso organismo. Para abarcar a vida, ou realizar a sinteze de seus aspetos, já não basta o estazis, ou a genuflexão admirativa, senão a so-

lidariedade de suas leis com a nossa harmonia moral, de modo que, submetidos á unidade do universo, sejamos cada vez mais a propria miniatura dele, e possamos traduzil-o sem falsifical-o, embora o envolvamos nos véus simbolicos da mais ardente fantazia. “Nesta altura todas as perspetivas particulares se fundem. O homem não é — isoladamente — artista, poeta, sabio ou filozofa. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é integra” (*).

A fraze é de um naturalista. Mas vê-se que ela reproduz, hoje, transcorrido um seculo de actividade intelectual, quasi literalmente, o idealismo filozofico de Fichte. E' compreensivel. E dela se deduz que nessa aproximação crecente entre a realidade tanjivel e a fantazia creadora, o poeta, continuadamente mais proximo do pensador, vai cada vez mais refletindo no ritmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza.

*
* *

Ora, o que para logo se destaca nos “Poemas e Canções”, alentando o subjetivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande sentimento da natureza. O amor, considera-o Vicente de Carvalho como ele é, positivamente: um caso particular da simpatia universal. E tal como nol-o apresenta

*... risonho e sem cuidados,
Muito de ativo, um tanto de insolente*

diz-nos bem que na sua forma commum, fiziologica e rudimentar de um egoismo a dois, ele não lhe traduz uma

(*) P. Van Thiezen — Le sentiment de la nature.

condição primaria do sentimento, escravo de uma preocupação morbida e humilhante, senão um belo pretexto para resumir num objecto, em harmonioso sincretismo, os attributos encantadores da vida. O poeta diviniza a mulher como o estatuario diviniza um pedaço de marmore: pela necessidade anciozissima de uma sintheze do maior numero possivel de belezas infinitas que lhe tumultuam em torno. Neste lance poderiamos aplicar-lhe a frase pinturesca de Stanchwith: "Não podendo apertar a mão desse gigante que se chama Universo, nem dar um beijo apaixonado na Natureza, resume-os num exemplar da humanidade".

Por isto mesmo não se pouca limitando-se a essa redução graciosa. Para afformozear o seu simbolo, dá largas á expansão centrifuga da individualidade transbordante. E em tanta maneira se lhe impõem as escapadas para a amplitude do mundo objetivo, onde se lhe deparam as melhores imajens e as mais radiozas alegorias, que nos diz em alexandrinos correntios o que hoje lemos em pajinas austeras de gravissimos psicofiziolojistas, quando attribue todo o seu culto

A' doce Religião da Natureza amiga,

a uma alma remota que as enerjias profundas do atavismo lhe despertam predispondo-o ao nomadismo aventureiro de algum avô selvajem

*Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez.*

Ao contrario eu penso que alma antiga não sentiria esta atração da grande natureza, que domina a poesia moderna. Entre a concepção estreitamente classica da vida rustica, das *Georgicas*, e o nosso esplendido lirismo naturalista ha diferenças tão flagrantes que fôra inutil indical-as. O movimento atual para os grandes quadros objetivos, á parte outras cauzas mais profundas, desponta-nos como

uma reacção do nosso sentimento, a crescer, paralelamente, com o proprio rigorismo pratico da vida. Esse fugir ao racionálismo seco das cidades, que até geometricamente se nos dezenha nas ruas retangulares, nos quadrados das praças, nos angulos diedros das esquinas, nas piramides dos tetos, nos poliedros das cazas, nos paralelipipedos dos calçamentos e nas elipses dos canteiros, onde é tudo claro, matematico, compreensivel, e as inteligencias se nivelam na evidencia de tudo, e as vistas se fatigam na repetição das formas e das côres, e os ouvidos se fatigam no martelar monotono dos sons, e a alma se fatiga na invariabilidade das impressões e dos motivos — vai-se tornando a mais e mais imperiozo, á medida que a civilização progride. O povo mais pratico e mais lucido do mundo, é o que por ele mais irradia á caça do pintúresco. Não ha neste momento em Chamonix ou num rincão qualquer da Africa Central, nenhuma pajina vigorosa da natureza onde se não veja, rijamente impertigado, um ponto de admiração: o inglez!

Alem disto, só o pensamento atual pode animar a alma misterioza das couzas, num consorcio que é a definição da verdadeira arte. O nosso selvajem

*Que dormia tranquilo um sono descuidado,
Passivo, indiferente, enfarado talvez,
Sob o misterio azul do céu todo estrelado*

passaria mil anos sobre a Serra do Mar

*Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite...*

indiferente e inutil.

Para nol-a definir, e nol-a ajitar sem abandonar a realidade, mostrando-nol-a vivamente monstrozo, a arrepi-

ar-se, a torcer-se nas anticlinaes, encolhendo-se nos vales, tombando nos grotões, ou escalando as alturas nos arancos dos pincaros arremessados, requer-se a intuição superior de um poeta capaz de ampliar, sem a deformar, uma verdade rijamente geolojica, refletindo num minuto a marcha milenaria das causas geoteticas que a explicam. Vemol-a na escultura destes versos.

*Na sombra em confuzão do mato farfalhante
 Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo.
 Trepa agora alcantis por escarpas a prumo,
 Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
 Mais repouzado, além, levemente se enruga
 Na crespa ondulação de comoros macios;
 Resvala num declive; e logo, como em fuga
 Precipite, atravez da escuridão noturna,
 Despenha-se de chofre ao vacuo de uma furna.
 Do fundo dos grotões outra vez se subleva.
 Surje, recai, resurje... E, assim, como em torrente,
 Furioza, em convulsões, vai rolando na treva
 Despedaçadamente e indefinidamente.*

E' a realidade maior — vibrando numa emoção. Este chão que tumultua, e corre, e foje, e se crispa, e cai, e se alevanta, é o mesmo chão que o geologo denomina "solo perturbado" e inspira á raza, á modesta, á chanissima topografia, a metafora garboza dos "movimentos do terreno".

A mesma harmonia de sua vizão interior com o mundo esterno rebrilha, quando o poeta observa que o mar

*...brutal e impuro,
 Branco de espuma, ébrio de amor,
 Tenta despir o seio duro
 E virjinal da terra em flôr.*

*Debalde a terra em flôr, com o fito
De lhe escapar, se esconde, e anccia
Atras de comoros de areia
E de penhascos de granito.*

*No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adeante
Como matilha, a farejar.*

*E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nús e rochas nías...*

Idealização... Mas, evidentemente quem quer que se alarme ante este mar perseguidor e esta terra profuga, riscará os melhores capitulos da geolojia dinamica. E os que fecharem as vistas á esplendida imagem daquela matilha de maretas, certo, não poderão contemplar a "artilharia" de seixos e graieiros, do ilustre Playfair, a bombardear arribas, desmontando-as, disjunjindo-as, solapando-as, derruindo-as, e esfarelado-as — seguida logo da "cavalaria das vagas" de Granville Cole, a curvetejar nos rolos das ondulações banzeiras, a empinar-se nas ondas desbridadas, a entrechocar-se nas arrebentações, a torvelinhar no entrevero dos redomoinhos; e de subito disparando — longos penachos brancos dos elmos rebrilhantes destendidos na diluição das espumas — numa carga, em linha, violentissima, sobre os litoraes desmantelados; de modo que o litoral desmantelado se nos apresente

like a regiment overwhelmed by cavalry ()*

Considerai: esta frase, que se desentranha da arida proza de um livro didatico, resôa, refulje, canta. E' um verso.

(*) GRANVILLE COLLE — Geology out-of-door.

Prende o sonhador e o cientista deante da idealização tanjível de um espressivo gesto da natureza.

Mais lonje, quando o poeta escuta a grande voz do mar, "quebrada de onda em onda", fazendo á lua uma declaração de amôr, que seria apenas um ridiculo ezajero panteista, se não fosse um pouco desse infinito amor que se chama gravitação universal; quando o mar exclama:-

*Lual Eu sou a paixão, eu sou a vida, eu te amo!
 Paíra, lonje, no céu, desdenhoza rainha...
 Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que eu reclamo,
 Um dia serás minha...*

*Ha mil anos que vivo a terra suprimindo
 Heide romper-lhe a crosta e cavar-lhe as estranhas,
 Dentro de vagalhões penhascos submerjindo,
 Submerjindo montanhas...*

esta voz monstrozamente romantica, do mar, é a mesma voz de Geike, ou de Lapparent, e diz uma alta verdade de sciencia, deante do ajente fizico cujo destino lojico, pelo curso indefinido dos tempos, é o nivelamento da terra.

Tambem ao descrever-nos um recanto labirintico de nossas matas,

*Cem especies formando a trama de una sebe,
 Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
 Da floresta, oprimida e em perpetuo levante,*

e mostrando-nos que

*Aceza num furor de seiva transbordante
 Toda essa multidão desgrenhada — fundida
 Como a conflagração de cem tribus selvajens
 Em batalha — a ajitar cem fórmias de folhajens
 Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida,*

e atentando-se no quanto á plethora tropical, ou uma sorte de conjeção da seiva, alenta e ao mesmo passo sacrifica em nossa terra o desenvolvimento vejetativo, creando-se o tremendo paradoxo da floresta que mata a arvore, ou redul-a ao arbusculo que foge á compressão dos troncos escapando-se na distenção esquiva do cipó, a desfibrar-se e a estirar-se, angustiozamente, na procura anciosissima da luz — avalia-se bem o brilho daquela sintheze comovente embora seja ela rigorozamente positiva em todos os elementos de sua estrutura artistica.

Digamos, porém, desde logo, que em todo este lucido panteismo não são a floresta e a montanha que mais atraem o poeta. E' o mar. A Vicente de Carvalho não lhe basta o pintar-nos

*O mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre ajitada, e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas...*

ou quando ele, tempesteiando,

*A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noites de procela*

braceja com os ventos desabalados, e, recebendo de instante em instante

a cutilada de um corisco,

rebel-a-se, e

*impando de ouzadia
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cospindo-lhe a salsujem...*

Apraz-se antes de nol-o mostrar nas "Sujestões do Crepusculo", com a melancolia soberana que por vezes o invade e lhe torna mais compreensível a grandeza, no vasto nivelamento das grandes aguas tranquilas, onde se nos dilata de algum modo a impressão vizual da impressão interior e vaga do Infinito...

Porque

*Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.*

*Aumenta, alastra e dece pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e oco,
Do céu sem sol e sem estrelas.*

*Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto,
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.*

*Domado então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno, apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.*

*Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?*

*Escutem bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...*

Fôra impossivel citar tudo prolongando a tortura do contraste entre estas frases duras e a flexibilidade desses versos, nos quaes o metro parece nacer ao compasso da sistole e da diastole do coração de quem os recita.

Alem disto, alguns deles, mercê da unidade perfeita, não se podem mutilar em estratos. Nas "Palavras ao Mar", aquela identidade, anteriormente aludida, da nossa harmonia moral com a do Universo, refulje num dos mais breves e maiores poemas que ainda se escreveram na lingua portugueza, para se definir o perpétuo aneio do ideal deante das majias crecentes da existencia.

Em "Fujindo ao Captiveiro" — epopéa que se lê num quarto d'hora — a mesma estrutura inteiriça torna inviolavel a concepção artistica.

Digamos, entretanto, de passagem, que aquella miniatura shakspeareana da ultima faze da escravidão em nosso paiz, absolverá completamente, deante da posteridade, a nossa geração, das culpas ou pecados que acazo lhe adviriam de uma dolorosa fatalidade social. Ver-se-á, pelo menos, que as emoções esteticas, tão essenciaes a todas as transformações verdadeiramente politicas, não as fomos buscar somente, já elaboradas, na alma da geração anterior, decorando, e recitando exaustivamente, as estrofes eternas das "Vozes d'Africa" e do "Navio Negreiro". Sentimol-as, bem nossas, a irromperem dos quadros envolventes. A' imensa desventura do africano abatido pelo traficante, contrapuzemos a rebentina do crioulo revoltado. Vicente de Carvalho agarrou, num lance magnifico, a unica situação heroica e fugaz — durando o que durou o relampago da fouce coruscante brandida por um hercules negro — de uma raça humilhada e sucumbida.

E ainda nesse trecho, com a amplitude e o desafogo da sua vizão admiravel, associou ao dramatico itinerario do exodo da turba miseranda e divinizada pelo sonho de liberdade, a natureza inteira — do oceano longinquo, apenas adivinhado dos pinaros da serra, a montanha abrupta

abrolhando em estrepes e calhaus, ás colinas que se idealizam azulando-se com as distancias, e á floresta, referta de rumores e gorjeios, onde

*Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riem no riso em flôr das parazitás*

...imajem encantadora na sua bellissima simplicidade, que se emparelha com as mais radiozas enjenhadas por toda a poezia humana.

*
* *

Quero cerrar com ela todos os conceitos vacilantemente espostos.

Que outros definam o lirico gentilissimo da "*Rosa, rosa de amor*", a inspiração piedosa e casta do "*Pequenino Morto*", ou os sonetos, onde tão antigos temas se remoçam.

De mim, satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista, que nobilita o meu tempo e a minha terra.

EUCLYDES DA CUNHA

Rio — 30 de Setembro de 1908.

ERRATA

Na impressão deste livro escaparam numerosos erros; aqui se assinalam alguns :

<i>Página</i>	<i>Verso</i>	<i>Onde se lê:</i>	<i>Leia-se:</i>
26	12. ^o	paraizo	Paraizo
27	9. ^o	Epantado	Espantado
48	6. ^o	cousas	couzas
61	8. ^o	visão .	vizão
80	10. ^o	vento .	vento -
80	12. ^o	momento,	momento.
88	2. ^o	iguaes . .	iguais
91	17. ^o	nesse mas	nesse ma.
102	10. ^o	maguas .	magva
151	9. ^o	insumbisso	insummisso
152	18. ^o	um flexa	uma flexa
154	6. ^o	fugidiça	fujidiça
154	12. ^o	cabloca	cabocla
168	10. ^o	longe	lonje
171	2. ^o	Floresta	Florestas
176	3. ^o	deixando, humida	deixendo humida
179	3. ^o	fugir	fujir
189	10. ^o	eternidade	eternidade
190	18. ^o	miragem	mirajem
197	9. ^o	Balado	Badalo
207	19. ^o	nascida	nacida
218	5. ^o	Parace-vos	Parece-vos
219	5. ^o	Advinhei-o:	Adivinhei-o;
219	6. ^o	defensiva	defensiva.
254	7. ^o	com o labio	como um labio
261	13. ^o	amorosa	amoroza
262	13. ^o	pasaro	passaro
280	4. ^o	Nesa	Nessa
280	12. ^o	céu,	céu...

No apendice. paj. XIII, em vez de :

*E num gesto em que se anima
A torre sóbe direita
A torre sóbe direita
Céu acima.*

leia-se :

*É, num gesto em que se anima
A alva massa de que é feita,
A **torre** sóbe direita
Céu acima.*

POEMAS E CANÇÕES

.....só deles fio a minha sobrevivencia espiritual, eu, pobre poeta desherdado da esperança numa outra vida, e que tem por suprema ambição do seu egoismo, não um grande logar na terra, mas um pequenino recanto na simpatia mais ou menos duradoura de algumas almas...

V. de C. *Uma candidatura.*

.....só explica tão forte empenho posto em granjear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquele fortissimo instinto, profundamente humano, que se rebela contra a morte, sonhando, para depois dela, uma continuação, ainda que modificada, da vida. A ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, através do tempo, é, sem duvida, o incentivo dos poetas, e a ilusão de quazi todos eles... Que recompensa melhor promete alguma relijão aos que estimula na incerta e pezoza conquista do Ceu?"

V. de C. *Um poeta.*

VELHO TEMA

I

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada ;
Nem é mais a ezistencia, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ancioza e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagroza, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Eziste, sim : mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

II

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajozo e mendigando agrados,
Mas tal como é: - rizonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a dezejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu dezejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' galharda conquista do teu beijo.

III

Belas, airozas, palidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Estensa multidão de almas cativas.

Têm a alvura do marmore; lascivas
Fórmãs; os lábios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhozo as vejo
Belas, airozas, palidas, altivas...

Porque? Porque lhes falta a todas elàs,
Mesmo ás que são mais puras e mais belas,
Um detalhe sutil, um quazi nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te ezalta,
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

IV

Eu não espero o bem que mais dezejo:
Sou condenado, e disso convencido;
Vossas palavras, com que sou punido,
São penas e verdades de sobejo.

O que dizeis é mal muito sabido,
Pois nem se esconde nem procura ensejo,
E anda á vista naquilo que mais vejo:
Em vosso olhar, severo ou distraído.

Tudo quanto afirmais eu mesmo alego:
Ao meu amor desamparado e triste
Toda a esperança de alcançar-vos nego.

Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste;
Conto-lhe o mal que vejo, e ele, que é cego,
Põe-se a sonhar o bem que não existe.

V

“Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;
E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminozo e condemnado.

Sê sempre pura! Eu com dênodo enjeito
Uma ventura obtida com teu dano,
Bem meu que de teus males fôsse feito”.

Assim penso, assim quero, assim me engano...
Como si não sentisse que em meu peito
Pulsa o covarde coração humano.

VI

“Lembra”! diz-me o passado: “Eu sou a aurora
E a primavera, o olhar que se enamora
De quanto vê pelo caminho em flôr;
Para o teu coração cansado e triste
E’ recordar-me - o unico bem que eziste...
Eu sou a mocidade, eu sou o amor”.

“Vive”! diz-me o presente. “Alma suicida,
Louca, não peças á arvore da vida
Mais que os amargos frutos que ela tem;
Deixa a saudade e foje da esperança,
Faze do pouco que teu braço alcança
O teu mesquinho, o teu unico bem.”

“Sonha”! diz-me o futuro: “o sonho é tudo,
Eu sobre as tuas palpebras sacudo

A poeira da ilusão!... sonha, e bemdiz!
Eu sou o unico bem porque te engano,
E o desgraçado coração humano
Só com o que não possui é que é feliz”.

Eu ouço os trez, e calo-me: dezisto
De quanto me prometem, porque nisto
Todos se enganam, todos, menos eu:
Beijo dos labios da mulher amada,
O unico bem és tu! Nem ha mais nada...
E tu és de outro, e nunca serás meu!

MENINA E MOÇA

Tu, que és quazi uma criança,
E que enlevada sorris
A' tentadora esperança
De ser amada, e feliz;

Sê formoza; entre as formozas
Reina e brilha, si puderes:
Que a beleza nas mulheres
E' como o viço nas rozas.

Sendo bonita e mais nada
Cumpre a mulher com fulgor
Sobre a terra iluminada
O seu destino de flor.

Sê bondosa; entre as melhores
Sê a melhor, si puderes:
Que a bondade nas mulheres
E' como o aroma nas flores.

Meiga, formosa, querida,
Ama e sê amada: o amor
Na areia solta da vida
Brota rozeiras em flor.

Serás feliz? Ai, não queiras
Ser feliz: ás mais ditozas
Brotam maguas entre as rozas
Como espinhos nas rozeiras...

Tu, que és quazi uma criança
E acreditas quanto diz
A enganadora esperança
De ser amada e feliz,

Sê rezignada: a rozeira
Que mais viça e mais prospera
Dá rozas na primavera
E espinhos a vida inteira...

PEQUENINO MORTO

Tanje o sino, tanje, numa voz de choro,
Numa voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de choro...
Pequenino, acorda!

Como o sono apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata!
Pequenino, é pena que não possas vêr-te...
Como vais bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata!
Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te
De vestido novo.

Como aquela imagem de Jesus, tão lindo,
Que até vai levado em cima dos andores
Sobre a fronte loura um resplendor fuljindo,
— Com a grinalda feita de botões de rozas
Trazes na cabeça um resplendor de flôres...
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo
Florecido em rozas!

Tange o sino, tanje, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de chôro...
Pequenino, acorda!

Que, caminho triste, e que viajem! Alas
De ciprestes negros a gemer no vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...
Pequenino, acorda! Recupera o alento,
Foje da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

Vai chegando a hora, vai chegando a hora
Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora
Na melancolia do cair da noite;
Por aqui, só cruces com seus magros braços
Que jámais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noite...

Pela Ave Maria, como procuravas
Tua mãe!... Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ela...
Pequenino, em caza, tua mãe saudoza
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas....
Vae rezar com ela!

E depois... teu quarto era tão lindo! Havia
Na janela jarras onde abriam rozas;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lenções de linho no colção de penas.
Que acordar alegre nas manhãs cheirozas!
Que dormir suave, pela noite fria,
No colção de penas...

Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de chôro...
Pequenino, acorda!

Porque estacam todos dessa cóva a beira?
Que é que diz o padre numa lingua estranha?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a cóva funda?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça e espalha-a, debruçado á beira
Dessa cóva funda?

Vais ficar sozinho no caixão fechado...
Não será bastante para que te guarde?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco róla, vai desmoronando?
Pequenino, acorda! — Pequenino!... E' tarde....
Sobre ti cáí todo esse montão que ao lado
Vai desmoronando...

Eis fechada a cóva. Lá ficaste... A enorme
Noute sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca...
Tão sózinho sempre por tamanha noute!...
Pequenino, dorme! Pequenino dorme...
Nem acordes nunca!

A INVENÇÃO DO DIABO

Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo
Deu-lhe a parte peor, como era de razão :
E, para arrecadar seu patrimonio, o Imundo
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o imenso tezouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.

Póde esparzir no areia as perolas do orvalho.
Marchetar de rubis a aza de um beijaflor,
Fazer a primavera — e pôr em cada galho
O gorjeio de uma ave e o rizo de uma flôr...

A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como covil um poço ;
E ele lá no seu reino escuro a vida leva
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia
Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição como o punho de Job.

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,
Quando, acazo, ao sair do seu covil estreito,
De repente se achou dentro do paraizo.

A primeira impressão que teve foi de inveja :
Daquele estranho quadro o imprevisto esplendor
Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja
Uivos de cão ferido, imprecações de dôr.

Mas de repente, como o corisco clareia
O tenebrozo céu nas borrascas de Agosto,
Uma ideia triunfante, uma sinistra ideia
Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.

Sobre um macio chão todo em musgos e rozas,
Eva, formosa e nua, adormecera ao luar:
E sobre a alva nudez dessas fôrmas graciosas
Satan deixou cair um desdenhozo olhar. .

Mas num sonho talvez de couzas ignoradas,
Num dezejo sem alvo, imperfeito e indecizo,
Eva os labios abriu — e abriram-se, orvalhadas
De um suspiro de amor, as rozas de um sorriso.

Epantado, Satan viu que esse marmore era
Animado e gentil, ardente e encatandor;
Como um rezumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par daquela boca em flôr.

E foi sómente então que o Principe da Treva
Imajinou o Amor furiozo e desgrenhado,
E resolveu fazer dos rozeos labios de Eva
O cálix consagrado ás missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rozas ao sereno,
De céu do amanhecer franjado em rozicler. . .
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.

SUJESTÕES DO CREPUSCULO

I

Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Aumenta, alastra e dece pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e ôco,
Do céu sem sol e sem estrelas.

Tudo amortece; a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto...
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.

Domada então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno — apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?

II

Estranha voz, estranha prece
Aquela prece e aquela voz,
Cuja humildade nem parece
Provir do mar bruto e feroz;

Do mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, agitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas;

Cuja ternura assustadora
Agride a tudo que ama e quer,
E vai, nas praias onde estoura,
Tanto beijar como morder...

Torvo gigante repellido
Numa paixão lasciva e louca,
E' todo furia: em sua boca
Blasfema a dôr, móra o rujido.

Sonha a nudez: brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virjinal da terra em flor.

Debalde a terra em flor, com o fito
De lhe escapar, se esconde — e aneia
Atraz de cômoros de areia
E de penhascos de granito:

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas sólta adeante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas...

III

Mais formidavel se revela,
E mais ameaça, e mais assombra
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela.

Tremendo e proximo se escuta
Varrendo a noute, enchendo o ar,
Como o fragor de uma disputa
Entre o tufão, o céu e o mar.

Em cada rispida rajada
O vento agride o mar sanhudo:
Roça-lhe a face, com o agudo
Sibilo de uma chicotada.

De entre a celeuma, um estampido
Avulta e estoura, alto e maior,
Quando, tirano enfurecido,
Troveja o céu ameaçador.

De quando em quando, um tenue risco
De chama vem, da sombra em meio...
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco.

Mas a batalha é sua, vence-a:
Cança-se o vento, afrouxa... e assim
Como uma vaga sonolencia
O luar invade o céu sem fim...

Donas do campo, as ondas rujem;
E o monstro impando de ousadia,
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspindo-lhe a salsujem.

IV

A alma raivoza e libertina
Desse tenaz batalhador
Que faz do escombros e da ruina
Como os troféus do seu amor;

A alma rebelde e mal composta
Desse pagão e desse ateu
Que retalia e dá resposta
A' mesma colera do céu;

A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se á melancolia
Conventual do entardecer...

No seu clamor esmorecido
Vibra, indistinta e espiritual,
Alguma couza do gemido
De um orgam numa cathedral.

E pelas praias aonde decem
Do firmamento — a sombra e a paz ;
E pelas varzeas que emudecem
Com os derradeiros sabiás ;

Ouvem os ermos espantados
Do mar contrito no clamor
A confidencia dos pecados
Daquele eterno pecador.

*

Escutem bem., Quando entardece,
Na meia luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...

FRAGMENTOS
DA
“ARTE DE AMAR”

I

Dizer mal das mulheres é costume
De todo o amante que não foi feliz:
Um coitado mordido do ciúme
 Tudo maldiz, e se maldiz...
Pois confesso que nisso se resume
 O que fui, o que fiz.

Julguei mal da que adoro e que me adora;
E as mulheres, por perfidas e vis,
A todas condenei de foz em fóra...
 Fui infeliz... Sou infeliz
Pois com remorso reconheço agora
 O que fui, o que fiz.

Quem se acredita amado se conforma
Com o poder dos encantos feminis:
Tudo explica e desculpa, de tal fôrma
 Que... Tu sorris? Porque? Sorris
De uma verdade que tomei por norma
 No que fui, no que fiz.

São bem proprios de todas as mulheres
Os carinhos, a tactica, os ardis
Com que provas - ou finjes - que me queres.
 Sou infeliz? Mas ser feliz
E' acreditar em quanto me disseres...
 E assim fui, e assim fiz.

Porque abrolha em espinhos a rozeira
Quem negará que as rozas são gentis?
Do teu encanto de mulher faceira
 Ninguem dirá - e ninguem diz
Que é couza sem valor, que se não queira...
 E assim fui no que fiz.

E's tão linda! Eu adoro-te. E's tão boa!
Finjes tão bem o amor, que o que eu não quiz
Quero agora. Que bem puz fóra á toa!

Fui imbecil... Aos imbecis
E' caridade perdoar... Perdoa
No que fui - o que fiz.

Seja finjido embora o teu agrado,
Agrada-me! Os teus modos infantis
Me dão a idéa de que sou amado.
Naceste atriz... E's boa atriz...
Chóras?... Isso me deixa consolado
Do que fui, do que fiz.

II

Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente
Chorar,
Turvo, turvo de pranto, esse resplandecente
Olhar.

Eis-me vingado, pois, bem vingado, de quanto
Sofri
Do teu suave amor, do meu suave encanto
Por ti.

Brutal, apunhalei-te a golpes de ironias
Brutaes,
Eu, que te quero tanto, a ti, que me querias
Demais.

Ha pouco, para mim, doudo eu de amor, tu, douda
De amor,
Sorria em tua boca em flor tu'alma toda
Em flor ;

Desfolhei esse teu lindo sorrizo que era
Assim
— Mas ainda que em ti - como uma primavera
Em mim.

E fiz todo esse mal que com algumas frases
Te fiz
Só porque te amo... Não: só porque tu me fazes
Feliz.

Fui comigo tambem, mais que comtigo ainda,
Feroz:
Vendo-te assim chorar, tenho uma pena infinda
De nós:

Provoquei esse pranto humilde e resignado;
Depois,
Por fazer-te infeliz, sou o mais desgraçado
Dos dois.

Sorris?... Vais perdoar? Mas, ó tu que es tão boa,
O meu
Crime de te maguar, alguém o não perdoa:
Sou eu.

III

“Nem mesmo com uma flor...”
Diz o proverbio arabe. Parece
Que com dobrado primor
Falára ele si dissesse :

“Nem mesmo com uma fraze
Siquer,
Seja ela embora tão leve
Ou quazi
Como a mais leve pluma
Se deve
Bater numa
Mulher...”

IV

Si a tua amante é bela
E tens ciume, finje que o não tens;
Não o perceba ela;
Ou caro pagarás
Com alma, corpo, e bens,
Cada uma dessas cousas pueris
Que um ciumento a cada passo faz
Ou diz.

Pois tua amante, fria como a neve,
E' bela
E finje que te quer bem,
Que mais reclamas? Ela
Com ser linda e fingir - dá quanto deve
E tem.

E quanto mais tiveres
Boas razões, menos dirás que as tens:
 Afinal, ás mulheres,
 Quando amadas e belas,
Caro se paga em alma, em corpo, em bens,
 A culpa sem perdão
 De ter, ter contra elas,
 Razão.

Queixas de amor que tiveres
Não as dês a entender. Nunca, a ninguém!
Mais valerá calal-as, e sorrir:
 Ouvidos de mulheres
Só ouvem bem o que lhes soa bem
 E lhes convem
 Ouvir.

Pois tua linda amante
Finje que te ama — dá-te parabens.
Declara-te feliz, e sê galante:
 O seu amor que tu não tens
 Que falta faz?
Melhor do que possuir o amor sempre eziante
De uma mulher que alem de ser amada é bela,

Mais vale á gente
Viver com ela
Em paz.

Engana-te ela e finge que és amado?
Engana-a tu tambem
Finjindo-te enganado:
Vivendo assim perfeitamente bem
Os dois,
Poupar-te-ás a quanto, injusta ou justa,
Uma scena de ciume sempre custa
Depois...

FUJINDO AO CATIVEIRO

I

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena
Serra do Mar.

Em cima, ao lonje, alta e serena,
A ampla curva do ceu das noutes de geada:
Como a palpação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas . . .

Negra, imensã, disforme,
Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.

Como um sonho febril no seu sono ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo;
Tropa agora alcantis por escarpas a prumo,

Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repouzado, além levemente se enruga
Na crespa ondulação de cômoros macios:
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, atravez da escuridão noturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surje, recai, resurje... E, assim, como em torrente
Furioza, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente...

Muje na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçozo arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando:
E em cada arvore altiva, e em cada humilde arbusto,
Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.

A mata é tropical: basta, quasi macissa
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante
Que, imperturbavelmente imovel, inteiriça
Sob a rija galhada o torso de gigante,

— Uma vejetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:
Moutas de cragatás agressivos; rasteiras
Trapoeirabas tramando o chão todo; touceiras

De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas,
De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando
Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Arvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando á jissara o talhe adolescente . . .
Cem especies formando a trama de uma sebe
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante.

Aceza num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada - fundida
Como a conflagração de cem tribus selvajens
Em batalha - a ajitar cem fórmãs de folhajens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noute, a confusão do mato
Géra alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido anciozo e a vizão quasi estinta:
Lembra - e talvez abafe - urros de onça faminta

A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foje e vai rolando aguas de prata.
Rujem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Uns tardos caminhantes
Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como vizões vagas de um pezadelo...

São cativos fujindo ao cativoiro. O bando
E' numerozo. Vêm de lonje, no atropelo
Da fuga perseguida e cançada. Hezitando,
Em recúos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvizam o rumo ao acazo dos moutas.

Vão arrastando os pés chagados de frieiras...

De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra ;
De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga ;
E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra,
A longa fila ondula e serpenteia, e a longa
Marcha atravez da noite e das furnas avança...

Vão andrajozos, vão famintos, vão morrendo.
Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo
Cativeiro... E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos,
Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara
— A Canaan dos cativos.

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando fio dagua humilde murmurando
As tristezas de um lago imenso algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dor em peito já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pele nua ; o espinho entrando a carne ; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue ;
Uma ezacerbação nova da fome velha,

A tortura da marcha imposta ao corpo ezangue;
O joelho ezausto que, contra a vontade, ajoelha...

E a longa fila segue: a passo, vagaroza,
Galga de fraga em fraga a montanha fragoza,
Bem mais fragoza, bem mais alta que o Calvario...
Um, tropeçando, arrima o pai octojenario:
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mães, a agonizar de fome e de cansaço,
Levam com o coração mais do que com o braço
Os filhos pequeninos.

II

Eil-o, por fim, o termo dezejado
Da subida: a montanha avulta e crece
De um vale escuro ao ceu todo estrelado;
E o seu cume de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão lonje ainda!... E de permeio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebrozo e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.

Tão lonje ainda!... E os peitos arquejantes,
E as forças e a corajem sucumbindo...
Estacando, aterrados, por instantes
Pensam que a morte hão de encontrar bem antes
Do termo desse itinerario infindo...

Tiritando, a chorar, uma creança
Diz com voz debil: “Mãi, faz tanto frio!...”
E a mãi os olhos desvairados lança
Em torno, e vê apenas o sombrio
Manto de folhas que o tufão balança...

“Mãi, tenho fome!” a creancinha geme,
E ela, dos trapos arrancando o seio,
Põe-lh’o na boca ancioza, aperta e espreme...
Arido e seco!... e do caminho em meio
Ela, aterrada e muda, estaca e treme.

Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços,
Morrer de fome, o filho bemquerido;
E ela, arrastando para lonje os passos,
O amado corpo deixará, perdido
Para os seus beijos, para os seus abraços...

Esse cadaver pequenino, e o rizo
Murcho no labio, e os olhos apagados,
Toda essa vida morta de improvizo,
Hão de ficar no chão, abandonados
A’ inclemencia dos sóes e do granizo;

Esse entezinho debil e medroso,
Que ao mais leve rumor se assusta e busca
O azilo de seu seio carinhozo,
Ha de ficar sósinho; e, em torno, a brusca
Voz do vento ululante e cavernozo...

E, em torno, a vasta noute solitaria,
Cheia de sombras, cheia de pavores,
Onde passa a visão errante e vária
Dos lobishomens ameaçadores
Em desfilada solta e tumultuaria...

Desde a cabeça aos pés, toda estremece;
Falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a corajem na alma lhe esmorece.
E, afastando-se, ao lonje, numa curva
O bando esgueira-se e desaparece...

Ficam sós, ela e o filho, agonizando,
Ele a morrer de fome, ela de medo.
Ulula o furacão de quando em quando,
E sacudindo os ramos e o folhedo
Movem-se as arvores gesticulando.

Ela ergue os olhos para o ceu distante
E pede ao ceu que descortine a aurora:
Dorme embuçado em sombras o levante,
Mal bruxoleia pela noute fóra
Das estrelas o brilho palpitante...

Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada,
E apenas o éco lhe responde ao grito;
Os olhos fecha para não ver nada,
E tudo vê com o coração aflito
E tudo vê com a alma alucinada.

Dentro se lhe revolta a carne; explode
O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade:
Mães, vosso grande amor, que tanto póde,
Póde menos que a indómita anciedade
Em que o terror os musculos sacode!

Ela apertando o filho estreitamente,
Beija-lhe os olhos humidos, a bôca...
E desvairada, em pranto, ebria e tremente,
Arrancando-o do seio, de repente
Larga-o no chão e foje como louca.

III.

Aponta a madrugada:

Da turva noite esgarça o humido veu,
E espraia-se rizonha, alvoroçada,
Rozando os morros e dourando o ceu.

A caravana tropega e ancioza

 Chega ao tope da Serra...

 O olhar dos fugitivos

Descança enfim na terra milagroza

 Na abençoada terra

 Onde não ha cativos.

Em baixo da montanha, logo adiante,
Quazi a seus pés, uma planície imensa,
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da estensa
Macia varzea que se lhes depara
 Ali, próxima, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente,
As colinas azues do Jabaquara...

O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro cativoiro,
Amanhece por fim, leve e dourado,
 Enchendo o ceu inteiro.

Uma esplozão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borborinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguém escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta vitória a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,

Um coitado, com a tremula cabeça
Toda a alvejar das neves da velhice,

Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega afinal, exsurge á superfície
Do alto cimo; repouza, consolado,
Longamente, nos lonjes da planície
 O olhar quasi apagado;
Distingue-a mal, duvida; resmungando,
Fita-a; compreende-a pouco a pouco; vê-a
Anunciando proxima, esboçando

— No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,
Ele, o mesquinho e o bemaventurado,
Adora o Ceu nessa vizão terrena...

E de mãos postas sempre, estaziado,
Murmura, reza esta oração serena
Como um tosco rezumo do Evangelho:

“Foi Deus Nosso Senhor que teve pena.
De um pobre negro velho...”

Seguem. Começa a ingreme decida.

Decem. E recomeça

A peregrinação entontecida

No labirinto da floresta espessa.

Sob o orvalho das folhas gotejantes,

Entre as moutas cerradas de espinheiros,

Andrajosos, famintos, triunfantes,

Decem barrancos e despenhadeiros.

Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes,

Sem reparar que os pés lhes vão sangrando

Pelos espinhos e pelas raizes;

Sem reparar que atraz, pelo caminho

Por onde fojem como alegre bando

De passarinhos da gaiola escapo

— Fica um pouco de trapo em cada espinho

E uma gota de sangue em cada trapo.

Decem rindo e cantando, em vozeria

E em confusão. Toda a floresta, cheia

Do murmurio das fontes, da alegria

Deles, da voz dos passaros, gorjeia,

Tudo é festa. Severos e calados,

Os velhos troncos, placidos ermitas,

Os proprios troncos velhos, remoçados,

Riem no rizo em flor das parasitas.

Varando acazo ás arvores a sombra
Da folhagem que á briza arfa e revoa,
Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol bubuia á toa ;
A agua das cachoeiras, clara e pura,
Salta de pedra em pedra, aos solavancos ;
E a flor de S. João se dependura
Festivamente á beira dos barrancos...

Vão alegres, ruidozos... Mas no meio
Dessa alegria palpitante e louca,
 Que transborda do seio
E transbordada canta e ri na boca,
Uma mulher, absorta, acabrunhada,
Segue parando a cada passo, e a cada
Instante os olhos para traz volvendo :
De além, do fundo dessas selvas brutas
Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo,
Uma vózinha ancioza e suplicante...

Mãi, onde geme que tão bem o escutas
 Teu filho agonizante?

IV

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando
De ariscos caitetés farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A arajem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se alerta o bando fujitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro ainda fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia usurpando a fôrma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mães aflitas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foje... E, moutas a dentro e barrocais a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...

Páram.

Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fujitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epílogo da fuga:
A gargalheira, a aljema, as angustias da volta...

Além, fulje na luz da manhã leve e clara,
O contorno ondulante e azul do Jabaquara.

Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado
De ser livre! E' preciso acordar, e acordado
Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro,
E voltar, para longe e para o cativeiro.

Sobre eles, novamente, uma funerea noute
Cáí, para sempre...

Como a tropega boiada,
Que, abrazada de sede e tanjida do açoute,
Se arrasta pela areia adusta de uma estrada;
Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos,
Tanjidos do azorrague e abrazados de sonhos,
Pelo dezerto areal desse caminho estreito:
A vida partilhada entre a senzala e o eito...

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os ruídos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

Nesse magote vil de negros maltrapilhos
Mais de um olhar, fitando o vasto ceu dezerto,
Injenuamente expróbra o Pai que enjeita os filhos...

Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,
E diz aos companheiros:

“Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto...

Deixai-me aqui sosinho.

Eu vou morrer, de certo...

Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:

Eu tinha de voltar p’ra conservar-me vivo...

E é melhor acabar na ponta de uma espada

Do que viver cativo”.

E enquanto a caravana

Desanda pelo morro atropeladamente,

Ele, torvo, figura humilde e soberana,

Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias

Sangue de algum heroico africano selvajem,

Acostumado á guerra, a devastar aldeias,

A cantar e a sorrir no meio da carnajem,
A desprezar a morte espalhando-a às mãos cheias..

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante

Do carrasco e da aljema:

Sorri para o suplicio e a fito encara a morte

Sem que lhe o braço trema,

Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.

Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,

E rola sobre a terra uma cabeça solta.

Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...

“Ah, prendel-o, jamais!” respondem as fouçadas

Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,

Ajil, possante, ouzado, heroico, formidando,

Faz frente: um contra dez, defende-se, e repele.

E não se entrega; e não recúa, e não fraqueja.

Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:

O braço luta, o olhar ameaça e desafia,

A coragem reziste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,
Recúa; vai fugir... Recúa mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagarosamente alçando a carabina,
Viza, desfecha.

O negro abrija um passo á frente,
Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefezado,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'ó á solta os gumes das espadas...

E retalhado, ezausto, o lutador vencido
Todo flameja em sangue e espira num rujido.

CANTIGAS PRAIANAS

Ouves acazo quando entardece
Vago murmurio que vem do mar,
Vago murmurio que mais parece
 Voz de uma prece
 Morrendo no ar?

Beijando a areia, batendo as fraguas,
Choram as ondas; choram em vão:
O inutil choro das tristes aguas
 Enche de maguas
 A solidão...

Duvidas que haja clamor no mundo
 Mais vão, mais triste que esse clamor?
 Ouve que vozes de moribundo
 Sobem do fundo
 Do meu amor.

II

E' tão pouco o que dezejo,
Mas é tudo o que me falta,
Só porque a flôr do teu beijo
Pende de rama tão alta...

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia :

Em baixo, o pranto das águas,
Em cima, a lua serena...
E eu, pensando em minhas maguas
Ouço o mar, e tenho pena.

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada,
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida
Morrer de não ser amado.

III

Vai, branca e fujidia,
A nuvem pelo ar:
Roça de leve a lua,
Embebe-se em luar.

E toda resplandece
No brilho do luar,
Mas pouco a pouco passa
E perde-se no ar.

Minha alma na tua alma
— Nuvem que trouxe o vento
Passou por um instante
Roçou por um momento,

E toda luminoza
Brilhou... Foi um momento :
Passou como uma nuvem
Levada pelo vento.

Eu refleti apenas
Um brilho que era teu ;
Passei, e tu ficaste,
Ficou contigo o céu.

Sonhei... Que belo sonho
Vivido em pleno céu !
Mas, ai! sonhei apenas
Um sonho todo teu...

A vida era uma aurora,
E a tua voz suave
Cantava em meu ouvido
Como um gorjeio de ave.

Mentias... E a mentira
Era um gorjeio de ave...
Morresse eu enganado
De engano tão suave!

Que angustias na lembrança
De tudo que perdi!
Ai, beijos desse labio
Que hoje nem me sorri!...

Vestígio derradeiro
Que me ficou de ti,
Bem-dita esta saudade
De tudo que perdi!

Sim, eu bem-digo em pranto
O amor abandonado
Que foi um dia o sonho
De amar e ser amado.

Quem ama sempre, um dia
Deixa de ser amado:
Sómente o amor que foje
Não é abandonado...

Que resta em nós agora
Da primavera em flôr?
Em ti, o esquecimento,
Em mim, o meu amor.

Amor desfeito em magua
Mas abençoado amor,
Que foi, um dia ao menos,
A primavera em flôr...

IV

Maria!... Nome tão doce,
Nome de santa... Parece
Que o digo como si fôsse.
O rezumo de uma prece.

Tem tão mística doçura...
Abre azas á fantasia:
“Maria!” — o labió murmura,
E a alma ecôa: “Ave Maria!”

Mal sabes tu que desprezas
Os olhos com que te sigo,
Que meus olhares são rezas
Ditas baixinho, comigo...

Mal sabes, santa Maria,
Que em tudo que sonho e penso
Teu nome paira e irradia
Como entre nuvens de incenso.

Maria, nome tão dôce...
E' o teu nome... Parece
Que o digo como si fosse
O rezumo de uma prece.

Murmuro-o devotamente:
E a essa oração, se levanta
No meu estaze de crente
A tua imagem de santa.

E então, alma e olhar submersos
Num clarão de alampadario,
Vou desfiando estes versos
Como as contas de um roزاریo...

V

Eu sou como aquela fonte
Que vai, tão triste, a chorar:
Déce da encosta do monte,
Corre em procura do mar.

Perdição da minha vida,
Meu amor! bem compreendo
Onde vou nesta decida...
E vou chorando e decendo.

Pobre da fonte, baqueia
Na varjem, sempre a chorar,
E turva, turva de areia,
Corre... corre para o mar...

Perdição de minha vida,
Amor que me vais levando!
Terá fim esta decida?
Ha de ter... Mas onde? e quando?

Com pouco mais que descaia
La vai a fonte parar:
Chega na beira da praia...
Morre nas ondas do mar...

VI

Sóbe o sol? A noute déce?
Dia e noute são-me iguaes:
Si tu chegas, amanhece,
Fica noute si te vais.

Os meus olhos são de cégo
Para o que de ti se aparte:
Só em te ver os emprego,
Mal me bastam para olhar-te.

Gorjeie o sabiá gemendo
Nas aroeiras em flor:
Mal o escuto e não o entendo,
Que só sei do meu amor.

Que ha de entender no ezajero
Das queixas dos infelizes
Quem ama como eu te quero
E escuta o que tu me dizes?

Sei que ha rozeiras viçozas
Porque, com os olhos em ti,
Vejo cobrir-se de rozas
Um labio que me sorri.

Seja Abril ou Junho, quando
Eu estou á tua espéra,
Logo que tu vens chegando
Principia a primavéra.

VII

Tinha momentos amargos
Teu amor, que era tão doce...
Nem posso dizer que fosse
Tudo ceu naquele ceu:
Deu-me carinhos e zelos,
Gosto e desgostos.. Comtudo
Tenho saudades de tudo,
De tudo que ele me deu.

Tu eras uma rozeira
Que eu topara no caminho...
Quem não perdoa um espinho
Pelos encantos da flôr?

Depois... caprichos, arrufos,
Eram apenas o ensejo
De mais sabor em teu beijo
E mais viço em meu amor.

Temi esse amor tão grande,
Tão forte, tão excludivo,
Que me tornava cativo
Dos teus caprichos sem lei:
Tentei do seio arrancar-o...
Mas vejo, por minhas penas,
Que ele não foi, foi apenas,
Meu coração que arranquei.

Certo venci com deixar-te
O encanto que me encantava
Quando eu tinha a vida escrava
Dos teus braços na prisão;
Mas... nesse mas se resume
Tudo que sinto e não digo
Hoje que sofro o castigo
De ter cedido á razão.

Perdido para o teu beijo,
Perdeu meu labio o sorriso;
Pouco importa, que eu preciso

— Não sorrir, porem chorar;
Nem sei de bem pela terra
Que mereça algum empenho....
Olhos, porque os inda tenho
Si já te não hei de olhar?

Ai, como é triste o dezerto
Do nosso leito vazio!
Como eu agora avalio
O que por gosto perdi!
Como são tristes as horas
Desde que já te não vejo,
E o meu amor sem teu beijo,
E a minha vida sem ti!

VIII

Vida, que és o dia de hoje,
O bem que de ti se alcança
Ou passa porque nos foje,
Ou passa porque nos cança.

Ainda mesmo quando ocorre
Na vida das mais felizes,
O prazer floresce, e morre,
A magua deita raizes.

Tem alicerces de areia
O que constróes cada dia,
Vida que corres tão cheia
Para a morte tão vazia,

Haverá queixa mais justa
Que a do feliz que se queixa?
Ai, o bem que menos custa
Custa a saudade que deixa.

DE MÃNHÃ

I

Na minha torturada insônia de doente
Passei horas a ouvir a noite: longamente
Ouvi chorar, gemer, águas e vento sul.

Raia agora a manhã no céu já todo azul.

Ao longe, a voz de um galo, insistente e ezaltada,
Soa como os clarins no toque da alvorada.

Acudo ao teu chamado instante, amiga voz!
Acordo; esperto o olhar tonto de sono; e após
— Do meu leito de enfermo onde ha tanto desvivo
Sólto pela janela os olhos de cativo.

Ver é o supremo bem.

Surpreendo-me a scismar
Si a alma será, talvez, uma função do olhar...

É com os olhos que eu sinto, e compreendo—ou suponho.

A vida é para mim como a nevoa de um sonho
— Nevoa confuza de um sonho material.
A que sómente o olhar, de certo modo, e mal,
Dá, com as fórmãs e a cor, expressão e sentido.

Não desdenho do tacto, e não desprezo o ouvido:
Conheço bem aquela “inefavél pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E brandamente, e como achando um ninho, pouza”..
Sei que um beijo de amante é uma bem doce couza:
Mas no encanto do beijo esfaimado de amor
Ha muito da visão rozea de um labio em flor.

Ao contacto da mão, ou num lirio, ou num verme,
E’ a sujestão do olhar que domina a epiderme.

Que uma sombra mortal, como pezado veu,
Amortalhasse o Sol — todo o infinito Ceu,
Toda a face, enrugada e rijida, da Terra..
Que restaria em nós de quanto a vida encerra?

No que o ouvido escuta — é o olhar que traduz:

Para a imajinação do homem orfam da luz
Que esprimiria o som — canto, sussurro, grito,
Ribombo de trovão rolando no infinito

Ou palavras de amor em labios de mulher?
Diluindo-se na paz da tarde rozicler
Canto saudozo ou prece humilde, murmurinho
Que subisse de um templo ou decesse de um ninho?

Leve zumbir de abelha em torno de uma flor
Ou ruídos do mar livido de furor,
Que entendêra a alma, cega e inutil, no mais doce
Dos murmurios, na voz mais alta, que não fosse
Vago e imprecizo som, inexpressivo, irreal,
Confundido num vão rumor universal?

Nunca tivesse o olhar humano convivido
Com a natureza; nunca houvesse o homem subido,
Pelos olhos, suave escada de Jacob,
Da Terra e de si mesmo, isto é, de lama e pó,
Para a resplandecencia astral e inacessivel
Do ceu — ermo sem fim, tão belo e tão terrivel;
Ignorasse o abandono e a saudade do sol
Que inspira á noute a voz triste do rouxinol;
Desconhecesse a luz, que dezenha as paizajens,
Que entremeia no verde alegre das folhajens
O ouro vivo da seara e o sorriso da flor;
Que faz da primavera um sonho multicolor;
Que junto da montanha erguida eternamente
Para o lonjinho ceu — como um gesto impotente

E imóvel de Titan — mostra subindo no ar,
Do socego de um vale o fumo azul de um lar;
Desconhecesse a luz que revela a beleza,
A luz, que espiritualiza a Natureza,
Que, num floco fugaz de espuma sem valor,
Cria a mais deslumbrante apoteóze da cor;
Não aprendesse, amando a luz fecunda, o forte
Horror da sombra, horror do vacuo, horror da morte:

Encerrado em si mesmo e chumbado no chão,
Insulado na funda, imensa solidão
Que em derredor do cego a cegueira dilata;
O homem, orfam da luz, na Terra estreita e chata,
Quazi só conhecendo o Universo — atravez
Do pedaço de solo em que pouzasse os pés,

Dentro da escuridão de su'alma vazia
Que humilde sonho de molusco sonharia?

Luiz Araújo Botelho de Brito

II

Ver é o 'supremo bem.

Eu insisto em scismar

Si a alma será, talvez, uma função do olhar...

Cégos, nunca saibais verdade tão doída

Para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida.

E' nas lições do olhar que aprendemos o Bem.

E o Mal: o amor, o asco, a piedade, o desdem.

A dor que vemos dóe como si em nós doesse.

Esprime uma verdade inconsolavel esse

Proverbio tão brutal e tão justo no seu

Conceito imparcial de maxima egoista

Que condena o esquecido e absolve o que esqueceu

Dizendo-lhes com voz igual: "Lonje da vista

Lonje do coração"...

Olhar, fonte perene e viva da Emoção!

Toda a fisionomia humana se ilumina
Ou tempestua pelo olhar — luz matutina
Ou fulgor de corisco em ceu de temporal;
Ardente, ou frio como o gume de um punhal;
Dando, radiozo ou turvo, expressão e eloquencia
A' colera, á ternura, á enerjia, á demencia;
Abrindo a alma como a um clarão de luz solar
Ou vago como um por de sol á beira-mar;
Iluminando o rosto, ou, enevoadado em maguas,
Boiando inerte a flux de uns olhos razos d'agua...

III

A inspiração de um poeta é como solo inculto
Que á toa se abre em flor:

Todo esse turbilhão de idéas em tumulto
Que, nem eu sei porque, rimei com tanto ardor,
Veiu-me de ter visto
— Pela janela do meu quarto de doente —
Que maravilha?

— Isto:

Um trecho muito azul de ceu alvorecente;
Um pedaço de muro engrinaldado de hera;
E, rezumo feliz de toda a Primavera,

Ao leve sopro de uma arajem 1reguiçoza,
O balanço de um galho embalando uma roza...

FANTAZIAS DO LUAR

Entre nuvens esgarçadas
No céu pedrento flutua
A triste, a palida lua
Das baladas.

Frouxo luar sugestivo
Contajia a natureza
Como de um ar de tristeza
Sem motivo.

Tem vagos tons de miragem,
De um dezenho sem sentido,
O conjunto descozido
Da paizajem.

A apagada fantazia
Do colorido — parece
De um pintor que padecesse
De miopia.

Tudo, tudo quanto eziste,
Estravaga, e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.

O longo perfil do Monte
— Como um rio de agua verde —
Corre ondulando, e se perde
No horizonte.

E sobre essa imaginaria
Turva corrente, projeta
A alva igreja a sua seta
Solitaria.

Assim, de um ermo barranco
A garça alonga no rio
O seu vulto muito branco,
Muito esguio.

Sonha, imóvel... E acredito
Que de subito desperte
Aquele fantasma inerte
De granito:

Dorme talvez... Qualquer couza
No seu sono se disfarça
De aza encolhida de garça
Que repouza;

E eu cuido vê-lo, a cada hora,
Animar-se; e de repente
Subir socegradamente
Céu a fóra...

*

Ha um lirismo disperso
Nos ares... O proprio vento
Esse bronco, esse praguento,
Fala em verso:

Voz forte, bruscas maneiras,
Pela boca pondo os bófes,
O vento improviza estrófes
Condoreiras.

Beijam-se as frondes, arrulam,
Trocam afagos, promessas...
E as arvores secas, essas
Gesticulam.

Gesticulam, como espetros,
No vácuo, tentando abraços
Com seus descarnados braços
De dez metros.

Algum trovador de esquina
Canta a paixão que o devora;
E a sua voz geme, chora,
Desafina.

Ao longe um éco repete
O canto, fraze por fraze,
Em tom abrandado, quaze
Sem falsete.

Tem o aspeto apalaçado
Da pedra cara e macissa
O muro, em simples caliça,
De um sobrado.

Nem castelã falta a esse
Castelo: na luz da lua,
Branca, airoza, semi-nua,
Resplandece,

Numa poze pitoresca
De romance ou de aquarela,
A burgueza que á janela
Goza a fresca.

*

O olhar, o ouvido, a alma inteira
Vê, ouve, acredita, sente
Quanto sonhe, quanto invente,
Quanto queira,

Quando, ó lua das baladas,
Forjas vizões indistintas
Com esse aguado das tintas
Estragadas.

DA CARTEIRA DE UM DOUDO

Numa cova bem funda, em sitio agreste
E solitario, junto
Das severas raizes de um cipreste,
Meu coração deitei como um defunto.

Lá o deixei. Estroina impenitente
Que hoje a prizão de um tumulto encarcéra,
Lá jaz, enfim acomodado e auzente,
Apodrecendo em paz á minha espera.

E descancei, por algum tempo ao menos,
Desse incomodo, pessimo aliado,
Bebedo sempre e nunca saciado
Do acre sabor de todos os venenos.

Por longos anos de frajlidade
Aturei-lhe a estroinice de devasso :
Bebedeiras de amor a cada passo,
De quando em quando orjias de bondade...

Sentia como propria a mais pequena
Desgraça alheia ; e assim, de quando em quando,
Metia-se em funduras, esbanjando
Uma fortuna em lagrimas de pena.

E quanto a amores, era um vagabundo,
Era um romeiro eterno, escandalozo,
Que ia de porta em porta pelo mundo
Cantando lôas e pedindo pouzo.

Um mendigo, afinal! Com que despejo,
Com que lamurias, com que voz aflita
Ia, tentando a esmola de algum beijo,
De boca em boca de mulher bonita.

Como alguns têm o vinho turbulento
A's vezes, outras vezes choraminga,
Tinha ele o amor, digamos — tinha a pinga —
Conforme o rumo com que vinha o vento.

Amando sempre, o amor desabafava
Em ais de magua, em gritos de esperança,
Ora arrulhando como pomba mansa,
Ora rujindo como fera brava.

Quantas compridas noites eu, caído
De sono e de canceira no meu leito,
Não o aturei a martelar-me o peito,
Na agitação de um mar enfurecido...

E quanta vez não desejei ser surdo
Quando esse louco, em surtos de eloquencia
Me fazia a estafante confiança
De algum sonho de amor, suave e absurdo!

Como era fácil e ezijia apenas
Das mulheres que achava encantadoras
Uma alvura de marmore nas louras,
Um rozado de jambo nas morenas,

Nunca lhe escasseou terreno azado
E nunca lhe faltou tempo propicio
A' cultura intensiva do seu vicio
— Do seu vicio de amar sem ser amado.

Porque amado não foi... E o mais terrível
Dos seus defeitos, como dos meus males
Era esse de transpor montes e vales
Correndo atrás de um bem inacessível...

Como no largo mar uma canôa
Abandonada ás furias da procela,
Roto o leme, sem rumo, sôlta a vela,
Vae de onda em onda velejando á toa ;

Ele, de desengano em desengano
Como de vaga em vaga sacudido,
Sempre burlado e nunca esmorecido,
Amava á toa, e amava a todo o pano...

Era um doudo, afinal. E assim seguia
Pela vida, ora alegre, ora tristonho,
Cada noute sonhando um lindo sonho,
Chorando um sonho morto cada dia...

E eu, as horas da minha mocidade,
A seguil-o esbanjei uma por uma,
Ele era doudo. Eu o seguia... Em suma
Eramos dous malucos de verdade.

Mas um dia a aventura foi mais louca :
Bateu por ti... A acompanhar-lhe os passos,
Sonhei teu corpo arfando nos meus braços
E teu beijo florindo em minha boca.

Ai, assim seduzido e deslumbrado,
Eu deixei-me levar, alma perdida ;
Nunca senti tamanho amor na vida...
Olha que nunca fui tão desgraçado !

Como te amei ! Mas pude felizmente
Abrir a tempo os olhos razos d'agua
Sobre esse abismo de insondavel magua
Que a meus pés se rasgava, em minha frente.

Meu adoudado guia então detendo,
Disse-lhe : "Coração, meu pobre amigo,
"Basta ! Corres em vão e em vão te sigo :
"E' para a morte que tu vais correndo.

" Sim desta vez corremos para a morte :
"Por essa a quem te dás e me repele
"Não batas mais, ou morreremos..." e ele,
Ele, a chorar, poz-se a bater mais forte.

Era de mais, e recuzei segui-o:
Tentei contel-o; rezistiu-me, o louco.
Lutámos. Subjuguiei-o: Pouco a pouco
Cedeu; prostrei-o. Eil-o, afinal, tranquilo.

Destroço inútil que se atira a um canto,
Deixei, sem dó, rolar esse vencido
Para a sombra de um vale ermo e esquecido,
Longe do mundo em que sofremos tanto.

Enterrei-o nesse ermo, bem no fundo
De uma bem funda cova... Nem pudera
Jaula mais própria achar para essa fera,
Melhor prizão para esse vagabundo.

E agora que o deixei posto de lado,
Longe de mim, fóra do meu caminho,
Penso, ao sentir-me bem indo sozinho,
Que antes só do que mal acompanhado.

Sozinho, avanço pela vida a fóra
Cantando e rindo, lepido e seguro;
Olho em frente — e por todo o meu futuro
Vejo raiar como um clarão de aurora...

Sinto-me livre e forte. Adeus, cuidados!
Adeus, canceira inutil de desejo!
Desabafem no alivio de um bocejo
Meus beijos murchos, que não foram dados.

Fatigado, apetece-me o descanso:
Com o mesmo olhar de indiferença, quero
Olhar-vos, terra de que nada espero,
E ceu, lonjinho ceu que não alcanço!

Num socego viril, de que me ufano,
Quero, sem ambição que me atormente,
Ver de cima, da margem da corrente,
Rolar em baixo o torvelinho humano.

Deusa que hoje aos meus olhos te humanizas!
Eu, que te amei humilde e miserando,
Eu calco aos pés o mesmo chão que pizas,
O mesmo chão que já beijei chorando.

Eu, que fui sempre desdenhado e triste,
Vingo-me agora rindo-me do mundo;
E, ó tú que amei! os teus encantos fundo
No meu desdem por tudo quanto existe!

Ele, o meu pobre coração, lá dorme
No fundo do seu carcere tremendo;
Lá dorme, o eterno sonhador, enchendo
De sonhos vãos a sua noute enorme.

E do seio da terra, que o consome
Tão lentamente, ouço de quando em quando
Subir a voz de alguém que está chamando,
De alguém que chora a murmurar teu nome...

FOLHAS SOLTAS

Hontem, hoje, amanhã... Como simbolizar
O passado, o presente, o futuro — as tres fazes
Da vida? com tres frases
De sentido corrente e de uzo o mais vulgar :

—Uma saudade; um grande esforço; uma esperança.

Ou antes, e talvez melhor, espondo-as numa
Triplice imajem que rezume a vida inteira :
— Um rosto, luminoso e alegre, de criança ;
Duas mãos perseguindo uma bolha de espuma ;
E rindo-se (de que? de tudo) uma caveira.

Nem só o olhar dos olhos de quem ama
Revela o amor que se supõe discreto,
E o mais oculto, o mais medroso afêto
Injenuamente á luz do sol proclama.

Tambem a voz, indiscreção bem dita,
Tráe o amor sob a fraze indiferente;
E de balde a palavra finje e mente:
Na voz que treme o coração palpita.

Desvias dos meus olhos infelizes
O teu olhar... Dizes que não... Loucura!
Em tua voz que tremula murmura
Ouço tudo que sentes e não dizes.

Jezus

Palido sonhador que ha dous mil anos quaze
Sobre uns palmos da Terra atravessaste a vida
Semeando ao vento um gesto, um suspiro, uma fraze,
Toda num sonho vago absorta a alma dorida,
Fito no azul do ceu vazio o olhar tristonho;

Palido sonhador, ha dous mil anos quaze
Enchem de magua e sombra a Terra comovida
O éco da tua voz e a nevoa do teu sonho...

Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio.
E eu iria jurar, bemdito engano,
 Que a primavera veiu
 Antes do tempo, este ano.

Vi-te. Sob o nublado ceu de Agosto
Nem os jardins começam a brotar,
 Mas ha rozas no teu rosto
E azul, azul de ceu, no teu olhar.

Que importa o frio? A bruma? Agosto em meio?
Juro, posso-o jurar, que não me engano:
 A primavera veiu
 Antes do tempo, este ano.

Amo-te. E assim como si não houvesse
Inverno, e terra nua, e bruma no ar,
 O meu coração florece
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.

Mimi

Vaes-te, a sorrir... Que mais queres?
Fico, a lembrar... Que mais posso?
Levas tudo que era nosso:
Tua mocidade em flor...
Pois que te vais tão contente
E me deixas tão sem nada,
Feliz de ti, minha amada!
Coitado do nosso amor!

Mas tu que partes sorrindo
Talvez algum dia, quando
Voltares, voltes chorando
Tua mocidade em flor...
Que encontrarás, quando voltes?
Talvez pouco... Talvez nada...
Pobre de ti, minha amada!
Coitado do nosso amor!

Tu, moça ; eu, quazi velho... Entre nós dous, que horror,
Vinte anos de distancia. Entre nós dois, mais nada.
E hoje, pensando em ti, puz-me a sonhar de amor
Sómente porque vi por acaso, na estrada,
Sobre um muro em ruina uma rozeira em flor...

Tu dizes que é loucura este amor... Bem o creio.
Como loucura me sorriu, como loucura
 Veiu cantando, veiu
Reduzir-me a um olhar que, num perpetuo anseio,
 Te vê, ou te procura.

E' loucura este amor? Foi-o desde começo,
Desde que te amo. Tu, dizendo-m'ó, bem pouco
 Me adeantas, confesso:
Ha muito tempo — ha quanto! — eu sinto e reconheço
 Que te amo como louco.

Mas... Nem eu imagino o amor de outra maneira.
Desde o cazo de Adão e Eva no Paraiso,
 O amor, minha faceira,
Toda a vida se fez notar pela cegueira
 — Nunca pelo juizo.

PALAVRAS AO MAR

Mar, belo mar selvajem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brizas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flôr da murta para o sol do estio.

Quando eu naci, raiava
O claro mez das garças forasteiras:
Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros,
Nadando em luz na ocilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro:
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinhão do azul do céu turbilhonando
Pouzar o vôo á tona das espumas...

E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abraza: a colera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Nãõ os sacode mais, nem brame e estoura;
Apenas se ouve, tímido e planjente,
O teu murmúrio; e pelo alvor das praias,
Languê, numa carícia de amorozo,
As largas ondas marulhando estendes...

Ah! vem d'aí por certo
A voz que escuto em mim, tremula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos;
De ti, de ti unicamente, aquela

Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos.

O' velho condenado
Ao carcere das rochas que te cinjem!
Em vão levantas para o céu distante
Os borrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde! O céu cheio de sol si é dia,
Palpitante de estrelas quando é noute,
Paira, lonjinho e indiferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores...

Condenado e insubmisso
Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo
Uma alma sobre a qual o céu resplende
— Lonjinho céu — de um esplendor distante.
Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,
Meu tumultuozo coração revoltado
Levanta para o céu, como borrifos,
Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura eziste,
Sonho-a; sonhando a vejo, luminoza,

Como dentro da noite amortalhado
Vês lonje o claro bando das estrelas;
Em vão tento alcançá-la, e as curtas azas
Da alma entreabrindo, subo por instantes...
O' mar! A minha vida é como as praias,
E o sonho morre como as ondas voltam!

Mar, belo mar selvajem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brizas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo errica o pêlo!
Ouço-te ás vezes, revoltado e brusco,
Escondido, fantastico, atirando
Pela sombra das noutes sem estrelas
A blasfemia colerica das ondas...

Tambem eu ergo ás vezes
Imprecações, clamores e blasfemias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino... Crime absurdo
O crime de nacer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por esta angustia do meu sonho inutil.
Maldita a vida que promete e falta,

Que mostra o céu prendendo-nos á terra,
E, dando as azas, não permite o vôo!

*

Ah! cavassem-te embora
O tumulto em que vives — entre as mesmas
Rochas nuas que os flancos te espedaçam,
Entre as nuas areias que te cinjem....
Mas fosses morto, morto para o sonho,
Morto para o desejo de ar e espaço,
E não pairasse, como um bem auzente,
Todo o infinito em cima de teu tumulto!

Fôsses tu como um lago,
Como um lago perdido entre montanhas:
Por só paizagem — áridas escarpas,
Uma nesga de céu como horizonte...
E nada mais! Nem visses nem sentisses
Aberto sobre ti de lado a lado
Todo o universo deslumbrante — perto
Do teu desejo e além do teu alcance!

Nem visses nem sentisses
A tua solidão sentindo e vendo
A larga terra engalanada em pompas
Que te provocam para repelir-te ;
Nem, buscando a ventura que arfa em roda,
A onda elevasses para a vêr tombando,
— Beijo que se desfaz sem ter vivido,
Triste flôr que já brota desfolhada...

*

Mar, belo mar selvajem !
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada
Da leve fimbria de irizada espuma....
Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrujindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de aguas e de espumas
Cobre, oculta, amortalha !... A alma dos homens

Apiedada entendera os teus rujidos,
Os teus gritos de colera insubmissa,
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condenado á sombra,
De tanta vida condenada á morte!

*

Ninguem entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que saí da tua solidão nas praias,
Que saí da minha solidão na vida...
Que importa? Vibre no ar, acorde os écos
E embale-nos a nós que o murmuramos...
Versos, marulho! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

TROVAS

Ouve: si amor é pecado,
Eu, pecador, me confesso
De tudo quanto anda impresso
Em meu olhar enlevado.

Si com isso estou perdendo
A minh'alma transviada,
— Minha'alma não vale nada...
Eu péco, e não me arrependo.

Deste ardor em que me inflamo
Direi, para ser sincero,
Que dele sómente espero
Amar-te mais do que te amo.

Si rezo, nas minhas preces
Só peço a Deus essa graça :
Que me conceda e me faça
Amar-te quanto mereces.

Eu vivo tão descuidado
De tudo mais desta vida,
Que nem me ocorre, querida,
A idéa de ser amado.

Amor com o feitio desse
Que a si mesmo renuncia,
— Como te agradeceria
O que eu por ti padecesse!

Deixa tu, pois, que se farte
Meu olhar impenitente
Todo embebido e contente
Da só ventura de olhar-te.

Sem razão fôras severa
Com a pobre de uma rozeira
Porque ela, queira ou não queira,
Dá rozas, si é primavera...

Deus, que nos poz face a face
E deu-me os olhos que tenho,
Nisso mostrou certo empenho
Em que eu te visse — e te amasse.

Por força de lei divina
E não, de certo, por gosto,
Quando pouza no teu rosto
O meu olhar se ilumina.

Perdôa a muda insistencia
Dos olhos que a ti levanto:
Olhar-te é o supremo encanto
De toda a minha ezistencia.

Olhar-te... Delicia calma!
Mar tranquillo e sem escolhos!
E' o pecado dos meus olhos
E a salvação da minha'alma.

Confesso-me, nada négo:
Amo-te... E nisto de amar-te
Só tenho de minha parte
A culpa de não ser cégo,

E' meu destino, que queres?
Eu te amo porque me encantas
— Tu, a mais linda das santas
E a mais santa das mulheres.

CARTA A V. S.

Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais!
Eu, alma em turbilhões, corpo em cacos, expio
Com remorsos crueis e doenças fatais
— Faltas em que reincido, erros em que porfio.

Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de guaianás.
Veste-me a pele branca o espirito desnudo,
Simples, rudimentar, insumbisso, incapaz,
Que por ventura herdei de algum avó beijudo.

Imagina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nómade sem lar
Tinha a alegre feição de um grande pique-nique;
E em cuja fronte altiva as plumas de um cocár
Eram como a expressão ritual do ultimo *chic*;

Algun bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquilo um sono descuidado
— Passivo, indiferente, enfarado talvez —
Sob o misterio azul do céu todo estrelado.

Ignorando o pavor da vida estra-terrena,
Tinha para o Futuro um olhar imbecil;
E, passando na terra, inutil, em pequena
Viajem atravez da natureza hostile,
Vivia sem cuidado e morria sem pena.

Vejetava feliz, sem lei, sem rei nem roque.
Sua unica ambição era a fome vivaz,
Sua unica riqueza, um flexa e um bodoque;
E abria-se num rizo eterno e contumaz
O seu labio — fendido ao pezo do batoque,

Imajina tu, pois, a alma do avô selvajem
Comprimida, esmagada, atonita, infeliz,
Metida numa vasta e complexa engrenagem
De deveres morais e tramoias sutis,
De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;

Imajina esse filho inculto da floresta,
Que ama o céu porque é belo e ama o sol porque luz,
— Perdido na Cidade ignobil e funesta,
Cheia de sombra e pó, caiada e deshonesta,
Velha Aspázia, garrida, e a desfazer-se em pús;

Vê si esse humilde e tosco espirito imajinas,
Ao sabor de uma turba em grita e em confusão,
Pela prédica e o livro, os jornais e as *mofinas*,
Arrastado em tropel — disputado em leilão
Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;

Imajina cativa, entregue, submetida
Aos caprichos da Moda e á ezijencia das Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-rèis,
E a pompa de um salão, e o pó de uma avenida,

Ai, imagina assim a alma do bugre bravo,
Meu avô — que, no mato, era o dono feliz
Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo;
Que era, em suma, o senhor do seu proprio nariz...
— Alma livre que em mim reviveu num escravo!

Alma apenas capaz de adejar, fugidiça,
Em vôos leves de uma aza de beijafôr;
E obrigada a pairar nas rejiões da Justiça
Como um corvo que sóbe ao céu todo esplendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...

Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A' macaqueação cabloca do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de ezilada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, auzente e devastada.

Assim, de quando em quando assalta-me a cachola
Um furiozo dezejo — ou do mato, ou do mar,
Das vastas solidões onde ninguem me amola...
E, passaro cativo, eu fujo, a me escapar
Da Civilização — como de uma gaiola.

Fujo, escapo, disparo atravez das vielas
Plenas de ajitação, de atritos e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo ás canelas,
A ouvir a voz de algum decendente de Job
Que apregôa Moral — coberto de mazelas.

Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta
Como num templo augusto habitado por Deus;
E ante o vasto esplendor na natureza em festa,
Sob a aureola em que a cinje a abobada dos céus,
— Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia... Um côro
De aves canta a alegria injenua de viver;
De lonje em lonje reza e resmunga um bezouro.
E sóbe, como incenso, o perfume, a se erguer
Da sombra em flôr do chão que o sol polvilha de ouro.

E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga
De bugre resurréto, o olhar vago, os pés nus,
A' doce Relijião da Natureza amiga...
Erro á tôa: o primeiro atalho me conduz,
Vêr o céu me contenta; uma arvore me abriga.

Estendo-me na relva ; e, na delicia absorto
De sentir a alma leve, ôca, vazia... assim
Gózo a beatitude inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim
Como um tóco sem vida a boiar num mar morto.

Não pensar, não querer... A ambição e a saudade
Adormecidas ; morta essa iluzão pueril
De fazer intervir no Destino a Vontade...
Ignorar o Minuto, inseto odioso e vil
Que rói a vida e vai tecendo a eternidade...

Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma :
Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma ;
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser couza nenhuma.

E o mar então... O mar, o velho confidente
De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar,
Atrai-me ; a sua voz chama-me docemente,
Dá-me uma embriaguez como feita de luar...
O mar é para mim como o Céu para um crente.

Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso
Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está
O tapuia boçal, bravio como um ganso,
Devoto da Preguiça, amigo do descanso,
— Um neto do remoto avô Tibiriçá.

Impetos de voltar, fujido, para o mato,
De me fazer ao mar numa casca de noz:
Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato,
Eis o que eu em remorso e em doenças resgato,
Eis o crime de ser neto de meus avós.

E agora, conhecendo a verdade inteiriça,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais,
Perdôa a um preguiçozo os crimes da Preguiça,
E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa
O culto da vizita e dos Cartões Postais!

Falando agora serio — e envergonhado o digo:
Não, desculpa não ha que ouze em proza valer
A's mil faltas em que eu estou para contigo.
O verso diz... o que não ha para dizer:
Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.

Paga-as; paga-as á vista, em rima numeroza;
Paga-as de rosto alegre e coração feliz,
Porque, na mesma estrofe ezata e afetuosa,
Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz,
Saudar a um tempo o amigo e o principe da proza.

Lida a defeza, que é tão estensa e tão crua,
Outorga ao réo confesso um perdão liberal...
Pai do céu! ainda aqui fiz uma falcatrua:
Sendo a defeza assim tão comprida — a final
Os pecados são meus — e a penitencia é tua...

ORAÇÃO PAGÃ

Felicidade em que eu nem creio...
E é quazi nada... Hontem, emfim,
O seu olhar acazo veiu
 Pouzar em mim.

Viu-me? Não sei. Talvez não visse...
Nem sabe a garça, errante no ar,
Da sua sombra á superficie
 Azul do mar;

Nem sabe a estrela, a clara estrela
Que, no alto ceu, toda é fulgor,
De quanto humilde arbusto, ao vel-a,
 Palpita em flor.

Olhou-me; olhou.... Mas eu duvido
Que reparasse em mim — porque
Ha um olhar, tão distraído,
Que olha, e não vê...

Essa mulher formosa e santa
Passa entre os homens — atravez
De hinos de amor que o chão levanta
Sob os seus pés;

Alma não ha que se não dobre
A esse ezemplar da Perfeição:
Olhar que a fite — é como um pobre
Que estende a mão.

E ela, fuljindo em plena gloria
Da formozura triunfal,
Passa, e não vê: branca, marmorea,
Escultural...

Estatua fria ou deusa altiva,
Pela mulher que ela não é
Arde e palpita a chama viva
Da minha fé:

Alucinado de esperança,
Misto de crente e pecador,
Aspiro á bemaventurança
Do seu amor.

Que doudo o sonho em que me abraço
Só porque, em suma, aconteceu
Que um seu olhar, olhar de acazo,
Pouzou no meu...

Que esperas tu, paixão profana,
Fazer vibrar, para teu bem,
Na altiva deusa — a fibra humana
Que ela não tem?

O' meu amor, porção de nadas!
Tu sonhas tanto... E eu vejo só
Sonhos que de azas fracturadas
Rojam no pó...

A PARTIDA DA MONÇÃO

I

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante
A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos ;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.

Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo
— Altivo no descanso e ouzado nos tufões —
Dessas aguias que vão bordejando sem rumo
Pelo acazo do mar, feito de turbilhões ;

Nem a airoza altivez de velas desfraldadas
Fuljindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo ;
Nem prôas a romper ondas e espumaradas,
Pelos parceiros em furia arroteando o rebojo ;

Nada disso que faz o petulante orgulho
De afoutos bergantins e galeras reais:
Calcar a onda, rompel-a, ouvindo no marulho
A comemoração de seus passos triunfais;

Nem adeante, acirrando o desejo atrevido
De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma,
— A infinita extensão do mar ermo, perdido
Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;

Nem o arroubo, a poezia, a esperança fogoza
De ir ao longe, atravez das ondas, conquistar
A nudeza pagã e a virjindade ocioza
De ermas ilhas em flôr nas solidões do mar...

II

Humildes, toscas naus de borda rastejante
A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos,
Vão apenas abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, mole e rezignadamente,
Por um rumo servil, forçado e encantador.

A raiva dos tufões (como a grita afastada
De éco em éco se adoça em suspiro de maguas)
Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada,
Mal roçará de leve a face azul das aguas.

Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo,
Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel.

E o rio, manso, manso... a ondular, murmurando
O seu murmurio igual, monotono estribilho,
Moroza cantilena, em voz baixa e em tom brando,
De mãi que embala o berço onde repouza o filho.

E o rio, manso, manso... a embalal-as, decendo,
No balanço sutil da mole ondulação,
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,
Para o lonjiquo, vago, infinito sertão...

III

Hão de em breve surjir, pelas margens sinuozas
Floresta virjens de onde um confuzo rumor
Sóbe de solidões profundas, misteriozas,
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.

Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,
Surdo resfolegar de monstro provocado
Que de repente acorda e, prestes para a luta,
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.

Socegado, seguro, apercebido, espera
Os que lhe vêm trazer, fanatica oblação,
Corações para a flexa e sangue para a fera,
Carniça para o abutre e ossadas para o chão.

A oculta sucuri, das hervas no disfarce,
Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco,
E vagarosamente, e como a espreguiçar-se,
Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.

Na sombra eternamente apagada, noturna,
De fundos socavões virjens da luz solar,
Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna,
Relampejam fúzis nos olhos de um jaguar...

IV

Depois da mata escura, o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em céu ao lonje; e assim
Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paira, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paizajem morta, igual, dezerta e imensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um pezo ainda maior que a dôr, a indiferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além... o olhar
Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.

Sobre os dias irão caíndo as noutes... Vastas
Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planícies, afastas
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...

V

De repente, uma flexa alijera sibila.
De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente,
Traição da cascavel numa alfombra tranquila -
Principia a silvar com silvos de serpente.

Por toda parte a larga escuridão se anima
Desse leve rumor que espalha a morte, e sái
Do chão e vôa, ou vem rastejante, ou, de cima.
Salpicado, vivaz como um granizo, cái...

Bruscamente borbulha em fantasmas a marjem
Ajitada do rio. O clarão da metralha
Responde á sombra. E de éco em éco a imensa varjem
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.

Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista,
- Como a corça ferida escapa e foje em vão,
Deixando atraz, deixando, humida e fresca, a pista
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;

Fujitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrái, guia, conduz para a tribu distante,
Para a perdida paz de seus lares traídos,
A guerra, o cativoiro, a morte: o bandeirante.

Ferve a luta. De serra a serra vòa o rouco
Som da inubia, acordando écos e lejiões;
Ouriço monstruozo, o sertão, pouco a pouco
Todo se erriça das flexas de cem nações..

VI

Ei-las, as toscas naus de borda rastejante,
A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.

Apinhem-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos inuteis para mais
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.

Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda
Nessa formosa folha em que o livro da vida
Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indeciza do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saudade pelo amante e enlevo pelo heróe...

Ao largo, enfim! Clarins e buzinas atroam.
E as canoas, na luz da manhã côr de roza,
Pairam por um momento em pleno rio; aprôam
Para o sertão. E rompe a marcha vagaroza.

Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mais a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olbos comovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...

VII

Lonje, na solidão do campo undoso e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde
No majestoso, vago, infinito sertão...

NO MAR LARGO

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Como princeza encantada
Que um leve sonho conduz,
Surjes do mar, coroadada
De um nimbo de ouro e de luz.

Surjes; e á tua presença,
O ceu, criado por ela,
De dentro da noute imensa
Surje, e se azula, e se estréla.

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Surjida do mar infindo,
O infindo ceu te seduz
— Campo em flor que vês fuljindo
Em flores de ouro e de luz;

Teu passo, lento, caminha...
Onde vais? E' lonje? E' perto?
Sóbes, absorta e sozinha,
Pelo azul, vasto e dezerto.

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Lua, lua, não te apresses:
Mais sóbes, mais se reduz
No alvor em que empalideces
Teu nimbo de ouro e de luz...

Onde o teu sonho te arrasta?
A que destino? A que termo?
Segues... A noute é tão vasta
Pelo azul do ceu tão ermo...

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Tão alto que tu subiste!
Tão lonje!... Do ceu a flux,
Vagueias, palida e triste,
Entre as flores de ouro e luz...

Como entristece da tua
Auzencia, ou das tuas maguas
O mar que deixaste, ó lua,
Lua surjida das aguas!

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Como uma lagrima prestes
A rolar, pairas suspensa
La dos páramos celestes,
La do azul da noute imensa:

De todo o ceu luminoso
Sobre todo o escuro mar
Déce o alvor silenciozo
Do luar...

E o mar, sob a triste alvura
Desse livido sudario,
Ermo e vago, se afigura
Mais vago, mais solitario...

O' linda princeza
Que vens aumentar
A imensa tristeza
Da noute no mar!

DESLUMBRAMENTO

Quanto durou essa ilusão perdida,
Esse amor, esse encanto, essa alvorada?
Dias ou mezes, não o sei, querida :
Foi um clarão que me passou na vida,
Sei que fuljiu, sei que passou, mais nada.

Durante o arroubo da paixão, quem hade
Notar o tempo que a fugir se esgueira?
No amor, ventura ou infelicidade,
Uma esperança doura a vida inteira,
Um desengano é toda a eternidade.

No absorto enlevo desse amor tão raro,
No estaze dessa adoração radioza,
Passava o tempo? Nunca puz reparo:
A madrugada era um botão de roza
Desabrochando em teu sorrizo claro;

Havia noutes? Ainda agora penso
No olhar de uns olhos negros - ceu imenso

De estio em noute sonhadora e calma,
Ceu luminoso, a palpitar, suspenso
Sobre essa terra em flor que era a minha'alma;

Fosse inverno ou verão, ou noute, ou dia,
A natureza inteira, humilde escrava
Dos arroubos da minha fantasia,
Em cada voz — o teu louvor cantava,
Do teu fulgor — toda resplandecia.

Sim, esse sonho esplendido — vivi-o!
Quando? E quanto durou? Bem pouco importa..
A minha vida, agora, é como um rio
Que leva á tona, sob um ceu sombrio,
A murcha flor de uma esperança morta.

“Ah, quem assim me fala ama-me ainda”,
Dirás comtigo. Em alta voz o négo:
Que resta em nós dessa ezistencia finda?
Tu, sempre encantadora e sempre linda,
E's a mesma, talvez... mas eu estou cégo.

Amei-te, já não te amo. Não, de certo.
Tu foste uma miragem deslumbrante

Que em meu sonho feliz sonhei tão perto,
E desfez-se, deixando-me diante
Da tristeza vazia do deserto.

O amor de que te amei tão loucamente
Era como um olhar que o ceu alcança:
Para ti, alto ceu resplandecente,
Todo se erguia, no estaze de um crente,
Feito de adoração e de esperança.

E hoje, que para toda a eternidade,
Eu dispertei do sonho de um momento,
Hoje, na sombra, penso com saudade
Que o teu encanto era uma claridade
E o meu amor foi um delumbramento.

A VOZ DO SINO

I

Tarde triste e silencioza
De vila de beira-mar:
Uma tarde cor de roza
Que vai morrendo em luar...

Ao longe, a varzea scintila
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a vila
— Do morro a que fica rente
Dece uma sombra tranquila —
E anoitece lentamente.

Não aparece viv'alma.

Nem rumor da natureza,
Nem éco de voz humana
Perturba a infinita calma,
A solitaria tristeza
Da pobre vila praiana.

Nem se ouve o mar, lonje, e manso.

A tudo, em redor, invade
Um ar de mole descanso...

Silencio... Imobilidade...

Como que, interrompida,
A correnteza da vida
Fez neste ponto um remanso.

De subito, rumoreja
Violentemente o ar :
Na torrezinha da igreja
Rompe o sino a badalar.

Ponho-me atento, a escutal-o :
Que diz, alto e repentino,
Esse bater de um badalo
Num sino?

Balado que assim badalas
No sino que assim resoa,
Aves, já nenhuma voa :
Dormem; e vais acordal-as
A' toa...

Vais espantar quanta moça
Ahi pelos arredores
Depois de um dia de roça,
De enxada e de soalheira,
Dedica a tarde lijeira
A tarefas bem melhores :

Pelas discretas beiradas
De alguma fonte; fiadas
Na proteção pitoresca
De ramajens, folhas, flores;
Que fazem elas? Coitadas,
Bebem, nas mãos, água fresca...
Lavam as caras tostadas...
Ou cuidam dos seus amores...

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Olha que vais espantal-as
A' toa...

Badalas... E eu que te falo
Não sei e nem imagino
Que pretendes tu, badalo,
A bater, bater no sino.

Talvez convoques á ceia
Pescadores que, lidando,
Nem viram que entardeceu;
Algum se estendeu na areia
A descansar; sinão quando,
De cansado adormeceu...

Badala-me assim, badala:
Esperta este dorminhoco;
Que ou ele, acordando, abala,
Ou fica dormindo — e em troco
Da sua madraçaria,
Chegando á caza atrasado
Acha no fogo apagado
A caldeirada já fria.

Badalo que assim badalas
No sino que assim atroa,
Porque é que tão alto falas
A' toa?

A andar com menos demora
Talvez tua voz compila
Certo rei dos mandriões
Encarregado em má hora
De, nas trez ruas da vila,
Acender os lampeões...

Chamas, talvez, ao seu posto...
Quem? algum camaroeiro
Retardado e mal disposto
A seguir para o pesqueiro?

Badala-lhe que é sol posto,
Que a lua cheia está fóra,
Que, com pequena demora,
Vai a maré a vazar:
Para chegar á costeira
Tem ele uma legua inteira
De caminho a caminhar,
Vencendo-a de combro em combro,
De atoleiro em atoleiro,
Com o remo e o puçá no hombro
E, na mão, o candieiro...

Ruidozo sino da vila!
E é por couzas tão vulgares
Que atroas assim os ares
De uma tarde tão tranquila?

II

Badalo que assim badalas...
Que voz de repente soa
Acompanhando-te as falas
A' toa?

E' voz de gente que canta...
De gente... E parece tanta...

Da humlide igreja irradia
E para o ceu se alevanta
A reza da *Ave, Maria*.

As vozes e as badaladas
Confundem-se... Misturadas
No fervor da mesma prece,
Sóbem juntas para o ar
Onde a lua resplandece
E a noute, imensa, parece
Feita do alvor do luar...

Sobre a soleira da porta
Da caza pegada á minha,
Vejo sentada a vizinha:
Moça, e bonita... que importa?

Tem nos braços o filhinho;
Fala-lhe, toda carinho;
Ele ouve; sorri; depois,
Responde-lhe, balbucia...
E, de mãos postas, os dois
Murmuram a *Ave, Maria*.

Ante meus olhos perpassa
Uma vizão: imagino
Maria, cheia de graça,
Jesus, louro e pequenino.

Uma tarde cor de roza...
Uma vila, assim modesta,
Assim tristonha como esta...
De pescadores, tambem...
Sobre a planicie arenoza
Por onde o Jordão deriva
Pouza a sombra evocativa
Das montanhas de Sichem...

A' porta de humilde choça,
Uma mulher... Quem é ela?
E' pobre... é joven... é bela...
E é Mãi: comovida, a espaços
O seu sorrizo se adoça,
O seu olhar se ilumina
Para a figura divina
Do filho que tem nos braços.

Mostra-lhe, á noute que estréla
O ceu e que a terra ensombra,
Como a terra é toda sombra
Como o ceu é todo luz...
E o filho, enlevado nela,
Em estaze balbucia...
A primeira *Ave, Maria*
Quem a rezou foi Jesus.

Sigo o meu sonho... Imagino
Que, por todas essas roças
Aonde chega a voz do sino,

A sombra triste das choças
Frouxamente se alumia
Da vela de cêra aceza
Ante uma Virgem Maria
Tendo nos braços Jezus.

E' a hora augusta da reza...

Mães, pobres mãis andrajozas
De filhinhos semi-nus,
No chão de terra ajoelhadas,

Dizem couzas misteriozas,
Palavras entrecortadas
De magua que se lastima,
De suplica, e de esperança

A essa outra Mãi que, lá em cima,
Na gloria do ceu, descansa
Do que passou neste mundo.

Ela que, com o mesmo eterno
Requinte do amor materno,
Sorriu a Jezus criança,
Chorou Jezus moribundo,

La, do alto ceu infinito,
Olha com olhos de Santa
E de Mãi que já sofreu
Tanto coração aflito
Que se volta para o seu.

Na roça a mizeria é tanta...

Quanta pobre gente, quanta,
Expia o ser mal nascida
Cumprindo a pena da vida
Como pregada a uma cruz;

E, na angustia que a quebranta,
Somente espera e antegoza
A proteção milagroza
Da Virjem Mãi de Jezus!

Na roça a mizeria é tanta...

E cada choça sombria
Para o claro ceu levanta
A reza da *Ave, Maria*.

Não, tu não falas á toa :
Errei, confesso-o... Perdoa,
O' sino humilde da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranqüila ;
O' sino, que tambem rezas,
O' sino, que tanto falas
A' terra, toda asperezas,
Como ao ceu, todo luar,
Chamando, com o mesmo zelo
Cada infeliz — a rezar,
Nossa Senhora — a atendel-o.

Consolador de tristezas!
Semeador de esperanças!

Aqui nestas redondezas
Não ha vida tão bonanças
Nem cazebre tão remoto
Onde quanto o sino diz
Não abençoe um devoto,
Não console um infeliz...

Por essas varzeas tão ermas
Onde, perdidas e sós,
Ha tantas almas enfermas
De desesperos sem voz,

Onde tanto desdenhado
De Deus, que de certo o olvida,
Vive, até morrer, vergado
Ao pezo da propria vida,

Vais chamar em altos gritos
— Como si fosse a um dever —
Desamparados e aflitos
— Para o consolo de crer.

E de cazebre em cazebre
Onde gente, a vida inteira
Vive de trabalho e febre,
Morre de fome e canseira,

Afirmas á angustia surda
Do mizero tabareu
Que o brejo em que ele chafurda
— E' um caminho para o ceu.

A cada pobre praiano
Que, na sua dura lida
De afrontar o largo oceano,
Vive de arriscar a vida,

Tu, consoladoramente,
Falas para lhe lembrar
Que ha quem reze por a gente
— E ha ceu por cima do mar...

Da mesma igreja alvadia
Evolam-se as badaladas
E a reza da *Ave, Maria*.

Evolam-se... Misturadas,
Sobem juntas para o ar
Onde, palida e sozinha,
Tão alva, que resplandece,
Tão só, que vai a sonhar,
Caminha a lua, caminha,
E o ceu, imenso, parece
Feito de sonho e luar...

Humilde sino da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;

Não, tu não falas á toa:

Percebo o que e a quem falas...

Perdoa!

SONETOS

I

A um poeta moço

Desanimado, entregas-te, sem norte,
Sem relutancia, á vida; e aceitas dessa
Torrente que te arrasta — a só promessa
De ir lentamente desaguar na morte.

Que póde haver, em suma, que te impeça
De seguir o teu rumo contra a sorte?
Sonha! e a sonhar, e assim armado e forte,
Vida e maguas, incólume, atravessa.

Ouve: da minha estinta mocidade
Eu, que já vou fitando ceus dezertos,
Trouce a consolação, trouce a saudade,

Trouce a certeza, emfim, (se ha sonhos certos)
De ter vivido em plena claridade
Dos sonhos que sonhei de olhos abertos.

II

Não me culpeis a mim de amar-vos tanto
Mas a vós mesma, e á vossa formozura:
Que, si vos aborrece, me tortura
Ver-me cativo assim do vosso encanto.

Enfadais-vos. Parace-vos que, em quanto
Meu amor se lastima, vos censura:
Mas sendo vós comigo aspera e dura
Que eu por mim brade aos ceus não cauza espanto.

Si me quereis diverso do que agora
Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois
Ido o rigor que em vosso peito mora,

A mudança será para nós dois:
E então podereis ver, minha senhora,
Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

III

Enganei-me supondo que, de altiva,
Desdenhoza, tu vias sem receio
Desabrochar de um simples galanteio
A agreste flor desta paixão tão viva.

Era segredo teu? Advinhei-o:
Hoje sei tudo: alerta, em defensiva
O coração que eu tento e se me esquiva
Treme, treme de susto no teu seio.

Errou quem disse que as paixões são cegas;
Veem... Deixam-se ver... Debalde insistes:
Que mais defendes, si tu'alma entrégas?

Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes...)
Que tu, negando o amor que em vão me negas,
Mais a ti mesma do que a mim rezistes.

IV

Uma impressão de D. Juan

Gastei no amor vinte anos — os melhores,
Da minha vida pródiga: esbanjei-os
Sem remorso nem pena, em galanteios,
Colhendo beijos, desfolhando flores.

Quentes olhares de olhos tentadores,
Suspiros de paixão, arfar de seios,
Conheci-os, buscaram-me, gozei-os...
Li, folha a folha, o livro dos amores.

Quanta lembrança de mulher amada!
Quanta ternura de alma carinhosa!
Sim, tanto amor que me passou na vida!

E nada sei do amor... Não, não sei nada,
E cada rosto de mulher formosa
Dá-me a impressão de folha inda não lida.

SONHO PÓSTUMO

I

Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio
A cova, escura e fria.
Ah! deixam-me acabar alegremente, em meio
Da luz, em pleno dia.

O meu ultimo sono eu quero assim dormil-o:
— Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo.
E a primavera ao lado.

Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas
Palpitando de leve,
De insetos de ouro e azul, ou rubros como brazas,
Ou claros como neve.

De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem,
Humidas e cheirozas,
Espalhando em redor frescuras de folhajem,
E perfume de rozas,

Subam, jovializando o ar, canções suaves
- A muzica sonóra
Em que parece rir a alegria das aves,
Encantadas da aurora.

E cada flôr que um galho acazo dependura
A' beira dos caminhos
Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura
De todos os carinhos.

Passe em redor de mim um frémto de gozo
E um calor de dezejo,
E sôe o farfalhar das arvores, morozo
Como o rumor de um beijo.

Palpíte a natureza inteira, bela e amante,
Volutuoza e festiva,
E tudo vibre a esplenda, e tudo fulja e cante,
E tudo sonhe e viva.

A sepultura é noute onde rasteja o verme...
O' luz que eu tanto adóro,
Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me
No ar claro e sonóro!

II

A louza tumular o corpo fecha e cobre
De sombra e de abandono,
E paira, horrível como um pezadelo, sobre
O derradeiro sono...

E', de certo, pior que a morte; desconforto
E', por certo, mais triste:
A morte mata só — e não separa o morto
De tudo mais que eziste.

Que é a morte, afinal, que tanto horror merece?
- Mais um degráu da escada
Por onde eternamente a vida sóbe e dece
Do nada para o nada.

Pelo agitado mar sem praias do universo
O homem surge e deriva
Ao acaso, como um floco de espuma, emerso
De uma onda fujitiva.

Quando a morte o devolve ao seio que o gerara,
Sem que o estinga e consuma,
Funde-o na onda que vai rolando, e que não para
Da erguer flocos de espuma.

O morto volve ao chão da terra bemfeitora
Desfeito em mil destroços,
E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra:
Carne vestindo uns ossos.

Só perde um sonho: o sonho apenas esboçado
No rapido transporte
Que o trouxe bruscamente impelido, empurrado
Do berço para a morte.

Sonho belo talvez, confuzo com certeza,
Feito de rizo e pranto,
Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza,
De encanto e desencanto.

Sonho que surje como um turbilhão, e passa
E acaba num momento
Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça
Espalhada no vento.

Tudo mais volta ao seio infinito desse horto
Que gera eternamente
A vida, e espera só que a morte, em cada morto
Lhe atire uma semente.

III

Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado
 Como um carcere escuro
A tudo quanto é belo e esplende ao sol dourado
 Sob o céu claro e puro,

Porque se larga á sombra, e se condena á lama,
 E se abandona ao verme,
Porque assim se castiga, e se repele, e infama
 Um pobre corpo inerme?

Corpo que veio de uma esploção de desejo,
 Encantado produto
De uma noute de amor e que saiu de um beijo
 Como, da flôr, o fruto;

Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha
Para as couzas mais belas:
A terra em flôr, o mar ao sol, a maravilha
Do céu cheio de estrelas;

Onde cada rumor em que a noite transborda
Sob o luar tristonho
Foi despertar um éco, e vibrar uma corda,
E acalentar um sonho;

Corpo que tanta vez o aroma essa carícia
Em que a flôr se consome
Encantou de um prazer sutil, de uma delícia
Sem igual e sem nome;

Onde o labio se abriu, humido como as rozas
Quando amanhece o dia,
Para o sorrizo, o beijo, e as couzas deliciosas
Que o amor pronuncia...

Condenado por fim á dispersão da morte,
O universo o reclama...
Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte
O desfazer-se em lama?

IV

Oh! deixai que o disperse o vento, aza ligeira
 Em que sobe do chão,
Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira
 E decomposição.

Sim, deixai que o fecunde o sol, esse batismo,
 Essa ablução de luz
De que surjem sorrindo em flôr — bordas de abismo
 E lamas de paúes.

Sim, dexai que o redima o orvalho, em que, de rastros,
 No chão dos areiais,
A arjila, recebendo a comunhão dos astros
 Estrela-se em rozais.

Da materia imortal que ao acazo reunida
Pairou nesse apojeu:
A vida humana; e após, de tão alto abatida,
Caiu e apodreceu,

Possa cada fragmento, e cada átomo possa
Obter o jubiléu
Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça
O mau humor do céu;

Mau humor de que sai o verme, esse enjeitado,
Esse erro, o caracol;
Que condena, que humilha o pó que é pó, ao lado
Do pó que é luz do sol;

E que afinal se abranda e se penitencia
Naquela redenção
De que a noute resurje se desmancha em dia
E o castigo em perdão.

A poeira se dispersa; o charco se evapóra:
Perde-se o fumo no ar:
São feitos desse nada ouros fulvos de aurora,
Brancuras de luar...

V

Implacavel rancor do espirito á materia,
Da iluzão á verdade,
Do que sonha ao que vive... O' miseria, miseria!
O' vaidade, vaidade!

A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada
No corpo, essa prizão,
— Ilha de um rude mar, princeza desterrada,
Flôr caída no chão ;

Considera-se como a fina assencia preza
Num vaso desprezado ;
Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza,
De vicio e de pecado.

A morte - como um fim de cativo encara
Um romper de manhã,
A hora da partida ansiosa e livre para
As terras de Canaan...

Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas,
De céus nunca atinjidos:
Ai, que serias tu, passaro, sem as azas,
Alma, sem os sentidos?

Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela,
Que descobre... ou que faz
Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela...
Alma, que sonharás?

Alma, que sonharás, na silenciosa ausência
Do som emudecida
Para o teu devaneio a vaga confiança
Dos sub-solos da vida?

Em vão levantas no ar as tuas fantasias
E as tuas ambições;
Architetas em vão tantas filosofias
Tantas religiões...

Para mais desterrar na morte a carne, morta
Por fim, emfim vencida,
Inventaste o pavor de um carcere sem porta,
De um antro sem saída.

Inventaste-o debalde. O tumulto condena
O corpo á podridão,
Mas não te ezime a ti da mesma escura pena
De apodrecer no chão:

Sangue que o coração alvoroça e amotina,
Vibração provocada
Dos nervos, e depois... um sonho da retina...
E's tudo isso, e mais nada.

IV

O derradeiro sono, eu quero assim dormil-o:
 Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo
 E a primavera ao lado.

Amortalhe-me a noute estrelada; arda o dia
 Depois, claro e rizonho;
E seja a dispersão na luz e na alegria
 O meu ultimo sonho.

A TERNURA DO MAR

No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro
Ia boiando a lua indiferente e fria...
De penhasco em penhasco e de estouro em estouro,
Em baixo, o mar dizia :

“Lua, só meu amor é fiel tempo emfóra...
Muda o céu, que se alegra á madrugada, e pelas
Sombras do entardecer todo entristece, e chora
Marejado de estrelas ;

Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua
Como a folha que vai arrastada na briza
Aos caprichos do tempo inconstante flutua
Indeciza, indeciza...

Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores
Do céu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,
A arvore que viçou toda folhas e flôres,
Toda aromas e ninhos;

Coleras de tufão, pompas de primavera,
Céu que em sombras se esvai, terra que se desnuda,
A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera...
— Só meu amor não muda!

Ha mil anos que eu vivo a terra suprimindo:
Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas,
Dentro de vagalhões penhascos submerjindo,
Submerjindo montanhas.

Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa
A largura da terra e o fraguedo dos montes...
Hei de chegar ahi de onde vens nua e clara
Subindo os horizontes.

Um passo para ti cada dia entezouro,
Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha...
Dona do céu azul e das estrelas de ouro,
Um dia serás minha!

E serei teu escravo... A' noute, pela calma
Rendilharei de espuma o teu berço de areias,
E ha de embalar teu sono e acalantar tua alma
O canto das serias.

Quando a aurora romper no ceu despovoado,
Tezouros a teus pés estenderei, de rastros...
Ser amante do mar vale mais, sonho amado,
Que ser dona dos astros.

Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tinjirei de mil côres cambiantes,
E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista
Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha,
Tranquilas solidões, ermas como atalais,
Onde o marulho canta e a salsujem polvilha
A alva nudez das praias.

Ao lonje, de repente assomando e fujindo,
Alguma vela, ao sol, verás, alva de neve:
Teus olhos sonharão enlevados, seguindo
Seu vôo claro e leve;

Sonharão, na delicia indefinida e vaga
De sentir-se levar sem destino, um momento,
Para além... para além... nos balanços da vaga,
Nos acazos do vento.

Far-te-ei vêr o paiz, nunca visto, da sombra
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços
Dormem o ultimo sono, estedidos na alfombra
De algas e de sargaços.

Opulentos galeões, pelas junturas rotas,
Vertem ouro, trofeus inuteis, vis monturos,
Que foram conquistar ás praias mais remotas,
Pelos parceis mais duros.

Flámula ao vento, prôa em rumo ao largo, velas
Desfraldadas, varando ermos desconhecidos,
Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas,
Sombra, fuzis, bramidos,

Todo o estranho pavor das aguas afrontando,
Altivos como reis e leves como plumas,
Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando
Um esteira de espumas.

Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura,
Esqueletos de heroes... dei-os em pasto á fome
Silencioza e sutil da multidão obscura,
 Dos moluscos sem nome.

Essa estranha rejião nunca vista, has de vê-la,
Onde, numa bizarra ezuberancia, a flora
Rebenta pelo chão perolas côr de estrela
 E conchas côr de aurora ;

Onde o humilde infuzorio aspira as maravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos
De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas,
 Arquipelagos, mundos...

Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida... Eu te amo,
Paira, lonje, no céu, desdenhoza rainha!...
Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo!
 Um dia serás minha!

Embalde nos afasta e embalde nos separa
A largura da terra e o fragedo dos montes:
Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara,
 Subindo os horizontes..."

Na quietação da noute apenas tumultua
Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar:
Corta o silencio, ajita o socego, flutua
E espalha-se no luar...

OMNIA VANITAS

Pois cheio de ambição e de confiança
Tu a vida comesças
 (A vida,
Tão farta das riquezas da esperança
 Tão prodiga em promessas
 Emquanto não vivida) ;

Que pedes ao Futuro? Em que consiste
 O esplendido tezouro
 Que esperas encontrar
Argonauta feliz - nessa ilha de ouro
Que vês, que buscas, e que não existe
 Sinão em teu olhar?

A tudo mais preferes a Opulencia?
Pede-lh'a: ha Crésos; correm loterias;
 E é facil a sciencia
De descobrir em autos de inventario
 O encanto, as louçanias,
Da herdeira de algum morto milionario.

Queres a gloria? Pede-lh'a: procura
Caminho (e ha cem, á escolha)
Para algum desses cumes teatraes
Onde quem os atinje faz figura
- De bôlha
Soprada das columnas dos jornaes.

Sonhas o Amor? Pois pede-lh'o: na eleita
Dos teus olhos, realiza
A só conquista digna de um desejo.
Pede-lh'o; obtem-n'o; e, deslumbrado, aceita
Daquela que o teu sonho diviniza
A efemera ambrozia do seu beijo.

Mas si pretendes ser feliz apenas,
Não lhe peças apenas isso tudo:
Gloria, riqueza, amor;
Pede mais ao teu prodigo Mecenas;
Pede mais, que não basta; sobretudo
Pede-lhe bom humor...

ROZA, ROZA DE AMOR

Roza, roza de amor purpurea e bela,
Quem dentre os goivos te esfolhou da campá?

GARRET.

I

(*Olhos verdes*)

Olhos encantados, olhos côr do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formozas couzas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:
Córtes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,
Solidões tranquilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Olhos pensativos que falais de amor!

Vem caíndo a noute, vai subindo a lua...
O horizonte, como para recebê-las,
De uma fimbria de ouro todo se debrua;

Afla a briza, cheia de ternura ouzada,
Esfrolando as ondas, provocando nelas
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Eil-a que mergulha pela noute vasta,
Pela vasta noute feita de luar;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado ao lonje nos confins do mar...

Olhos scismadores que fazeis scismar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noute é clara! como o céu é lindo!
Leva-me contigo pelo mar... Adiante!
Leva-me contigo até mais lonje, a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados cheios de promessa!

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
Olhos côr do mar!

II

(Manhã de sol)

Na sombra do murtal, cujas flôres a leve
Arajem desgrinalda em turbilhões de neve,
Ela vagueia a sós... E como vai formosa!
Tem como uma frescura orvalhada de roza
Na face... Em seu sorrizo amanhece. E' tão brando
O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando.
— Eis o sol! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina...
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ela
Erra á tôa. Sorrindo, as aves interpela.
Corre de flôr em flôr, salta de mouta em mouta
Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta

E tenta surpreender o segredo de um ninho;
Ora scisma, fitando o vago desalinho
Em que toda palpita, em que se entrega toda,
A folhagem que o vento acaricia... Em roda,
Em tudo, vê um ar festivo de noivado,
Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado,
Humido com o labio em que pouzasse um beijo...

E o seu passo é sutil, e erra como um adejo.

Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indeciza;
Mal com os pézinhos nús o chão musgozo piza
Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.
Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então
A atrevida canção do amor que tudo pede,
Do amor que não é mais do que um furor de sede,
Que é o amor afinal...

Toda a sua alma escuta,
Todo o seu corpo treme. Amante e irrezoluta,
Quer ceder, e reziste; abraza, e não se atreve...
E de subito, como a corça arisca e leve
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,
Salta, foje-me...

Em vão. Salto-lhe em pós; não tomba
Mais faminto um abutre em cima duma pomba.
Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia
Aqui um charco, adiante um cômodo de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço,
Arfa-lhe o seio: perde o folego; tropeça;
Pára...

Alcança-a meu beijo. O noivado começa.

III

(Horas de amor)

Só vivo as horas que passo
Junto de ti, meu amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua bôca em flôr...

Só assim vivo, querida,
Pois tudo mais não é vida.

*

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja;

Só alcanço o teu carinho
Nesta sombra de folhagem.
Onde, como ave selvagem,
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moutas vagueio,
Caminho, páro, indecizo...
Virás ou não? E agonizo
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia
De um rumor vago e perdido,
Cuido escutar o ruído
Dos teus pézinhos na areia.

Volto-me sobresaltado
Só porquê uma ave deteve
O vôo, e um ramo, de leve,
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto
Essa impaciência hesitante
Por ternuras de um instante,
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo
Nas borboletas que em bando
Passam felizes, amando
Na plena luz do sol claro...

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,
E foje ao sol e ás estradas....
Fôssemos nós de mãos dadas
Pela vida e a primavera!

De subito, ouço teus passos:
De entre folhagens de arbusto
Olhas, tremula de susto,
Cáis palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha
Que suga a flôr, e adormece,
Meu beíjo pouza, e se esquece
Em tua bôca vermelha...

Lógro só de espaço a espaço
Algum momento de amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua bôca em flôr.

Ai, eu só vivo querida,
Pedacos da minha vida...

IV

(*Primeira sombra*)

— Mal me quer... bem me quer...

— Será preciso

Que uma flôr assegure o que digo e tu vês?

O meu olhar, pouzando em teu sorriso,
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

—Mal me quer... bem me quer...

— E, comovida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz...

Supões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flôr perpassando entre nós?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontemquando
Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,
Ouço como um rumor fujitivo de passos
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca!
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha minha bôca
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor esse universo
Radiozo, imenso, e rezumido em ti.

A tua voz chamou-me; eu escuteia-a
E seguia-a, ditoza, a sorrir e a sonhar...
Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia
Que me atraiste para o azul da mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
Não me deixes! Serei a sombra que te siga,
Sem indagar, onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A rizonha
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,
Pouzada a frente nos meus seios nós!

Que alegre madrugada côr de roza,
Ser amada por ti, claro sol que tu és!
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Espanja-a, goza
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um pasaro num ramo,
Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio,
Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorjeio
Em que teu beijo é que dizia: "Eu te amo"!

V

(A flôr e a fonte)

“Deixa-me, fonte”! Dizia
A flôr, fônta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flôr.

“Deixa-me, deixa-me, fonte”!
Dizia a flôr a chorar:
“Eu fui nacida no monte...
“Não me leves para o mar”

E a fonte, rapida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flôr.

“Ai, balanços do meu galho,
“Balanços do berço meu ;
“Ai, claras gotas de orvalho
“Caídas do azul do céu !...”

Chorava a flôr, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flôr.

“Adeus, sombra das ramadas
“Cantigas do rouxinol ;
“Ai, festa das madrugadas,
“Doçuras do pôr do sol ;

“Carícia das brizas leves
“Que abrem rasgões de luar...
“Fonte, fonte, não me leves,
“Não me leves para o mar !...”

*

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa decida
Como a da fonte e da flôr...

VI

(Desiludida)

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante.

Bem sei que já me não ama,
E sigo, amoroza e aflita,
Essa voz que não me chama,
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado
Que se abre em flôr, e procura
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante:

Só, perdido no deserto,
Segue empós do seu carinho:
Vai se arrastando... e vai certo
Que morre pêlo caminho.

VII

(Saudade)

Belos amores perdidos,
Muito fiz eu com perder-vos;
Deixar-vos, sim; esquecer-vos
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,
— Amor, desejo, esperança...
Só não se arranca a lembrança
De quando se foi feliz.

Rozeira de tanta roza
Rozeira de tanto espinho
Que eu deixei pelo caminho
Aberta em flôr, e parti:

Por me não perder, perdi-te:
Mas mal posso assegurar-me
— Com te perder e ganhar-me,
Si ganhei, ou si perdi....

VIII

(Serenata)

Pela vasta noute indolente
Voga um perfume estranho.
Eu sonho... E aspiro o vago aroma auzente
Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noute tranquila
Pairam, lonje, as estrelas.
Eu sonho... O teu olhar tambem scintila
Assim, tão lonje como elas.

Pela vasta noute povoada
De rumores e arquejos
Eu sonho... E' tua voz, entrecortada
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noite sem termo,
Que deserto sombrio!
Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo
O nosso leito vazio.

Pela vasta noite que finda
Sóbe o dia risonho...
E eu cerro os olhos para vêr-te ainda,
Ainda e sempre, em meu sonho.

IX

(O dia seguinte do amor)

Aves fúrdias que passais em bando
Pelo azul da tarde sobre o azul do mar,
Aves fúrdias que passais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surjis. No vasto céu
Um turbilhão de alvura de repente crece;
Passa, afasta-se, e ao lonje, e como apareceu
Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve
De azas que ruflam devagar,
Passais como flocos de neve
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta? Um quase nada: apenas
 Em meu olhar distraído
A vaga impressão de uma alvura de penas,
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.

Sonhos de amor, perfumados
Do aroma da flôr da laranjeira,
Botões de roza desabrochados,
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira ;

Sonhos do olhar namorado
Ao descobrir, como um triunfador,
Todo enlevado, todo enlevado,
Que uns seios de marmore arquejam de amor ;

Sonhos do ouvido, escutando
O injenuo amor que se revela emfim
Involuntariamente, quando
Em frases que negam a voz diz que sim ;

Sabor do primeiro beijo
Que mal pouza, medrozo, leve, leve,
Num rosto virjem onde o pejo
Semeia de rozas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a roza
Que, nem bem colhida,
Perde a frescura que a tornou formosa,
Perde o perfume que a tornou querida.

Primavera vivida

De amar e ser amado aos vinte anos em flôr,
Entrada triunfal do coração na vida,
Amor, amor, amor!

Rápida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedo nús
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...
Rejião lavada .em luz

Entre esses dous extremos

Tão proximos o olhar que ainda não sabe vêr
E o que vê triste fim dos encantos supremos!
O que vale a mulher ;

Mirajens do desejo, enlevos da esperança,
Só é feliz o amor que espera e não alcança.

Infinita doçura, inegalavel couza,
Contato delicioso, inefavel pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E, brandamente, e como achando um ninho, pouza;

O' labios da mulher palpitante de amor,
O' labios que humidece o orvalho do desejo,
Dôces labios servis onde abotôa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flôr;

O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,
Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo;
O' seios brancos onde uns olhos de amorozo
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar;

Encantos da mulher amada ; comovidos
Deslumbramentos ; gosto indizível, sabor
Da unica hora feliz de toda a vida ; amor,
Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos ;

No coração que de vós se alvoroça
Resplandeceis, mirajens, enganos,
De uma luz que não é vossa...
Que é só dos nossos vinte annos.

Tremulas maretas que passais boiando
Pela flôr das ondas nos parceis do mar;
Tremulas maretas que alvejais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surjis... No mar sem fim
Um turbilhão de alvura de repente crece;
Passa; afasta-se; e como apareceu, assim
Desaparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados
Da agua no açude de um pomar,
Passais, desfeitos, desmanchados
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta? Ai, quaze couza alguma :
 Em meu olhar distraído
A vaga impressão de alguns flocos de espuma
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...

X

(Ultima confidencia)

- E si acazo voltar? Que hei de dizer-lhe, quando
Me perguntar por ti?
- Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...
Nesa tarde parti.

- Si arrependido e anciozo ele indagar: “Para onde?
Por onde a buscarei?”
- Dize-lhe “Para além... para lonje...” Responde
Como eu mesma: Não sei”.

Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocazo
Desmaia... anouteceu...

Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acazo
Até achar o céu,

Eu cheguei a supôr que possivel me fôsse
Ser amada e viver.
E' tão facil a morte... Ai, seria tão dôce
Ser amada... e morrer!...

Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
As lágrimas que vês...
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que ele me fez.

Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...
Nem houve ntunca igual!
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final!

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca
Que o seu beijo não quiz:
Gólfa-me em sangue, vês? E eu murmurando-o, louca!
Sinto-me tão feliz!

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,
Ocultá-lh'o! Senhor,
Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer... de amor.

NOTAS

NOTAS

(Da 1.^a edição, 1908)

(a)

Na escolha das poezias aqui reunidas adotou o autor como criterio preferir as que lhe pareceram esprimir menos mal, isto é, em frases simples e corredias, com imajens sóbrias e mais ou menos claras e fieis, idéas concebidas com lojica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poesia, como sempre ambicionou o autor deste livro realizal-a nos limites ao seu alcance, deve ser, antes de tudo, couza que se entenda. Si neste livre ha estravagancias aparatozas, quer de idéas abstruzas, quer de sentimentos artificiaes, ou de frases complicadas, ou de palavras meramente decorativas, a elas resvalou o autor sem o perceber e a contra gosto; e disso se penitencia humildemente”

(c)

Paj. 4 *Eu cantarei de amor tão fortemente.....*

Este primeiro verso de um dos sonetos do livro é quaze repetição do primeiro verso do II soneto de Camões; mais nisso se resume a semelhança entre as

duas composições, como se verificará relendo aqui a do grandíssimo poeta :

*Eu cantarei de amor tão dôcemente
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentês namorados
Faça sentir ao peito que não sente.*

*Farei que amar a todos avivente
Pintando mil segredos delicados
Brandas iras, suspiros magoados,
Temeroza ouzadia, e pena, auzente.*

*Tambem, senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa
Contentar-me-hei dizendo a menor parte*

*Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagroza,
Aqui falta saber, en'genho, e arte.*

(e)

Paj. 67 *O ouro leve do sol bubuia á toa...*

No seu *Dicionario de vacabulos Brasileiros*, o Visconde de Baurepaire Rohan, citando Couto de Magalhães e José Verissimo, consigna o verbo *bubuiar* como significando - *flutuar no sentido da corrente*. Tem esse verbo, como se vê, expressão mais complexa do que o comum *boiar*; e ao autor pareceu ele mais expressivo do que este ultimo para descrever o movimento das manchas de sol mosqueando a ondulação da relva - pelas abertas da floresta sacudida da aragem.

(f)

Paj. 69 *Alcateia uzurpando a fôrma e a face humana...*

Apezar de ser de uzo vulgarissimo em classicos da lingua, e liberdade aceita de boa cara pelos mais car-rancudos gramaticos, não ouzaria talvez o autor fazer, como nesse verso fez, concordar com um só o adjectivo que qualifica dous substantivos, si não se sentisse apoiado nisso pelo ezemplo de Camões no Cant. I estrofe LXXVII dos *Luziadas*:

Onde vestindo a *forma e gesto humano...*

(g)

Paj. 223 *Sonho póstumo*

O autor não está bem certo de que a um poeta corra obrigação rigorosa de justificar as concepções de sua fantasia. Seja como for, apraz-lhe citar em abono da concepção geral da poezia *Sonho póstumo* que a alguns talvez pareça estravagante as palavras de um dos mestres da sciencia contemporanea. Na sua obra *Lettres d'un voyageur dans d'Inde* (trad. franceza de Letourneau, 1883), a propósito dos ritos funerarios dos Parsis de Bombaim, que entregam os cadaveres dos seus á decomposição ao ar livre “sobre um dos pontos mais elevados e mais lindos da crista rochoza do Malabar-Hill, deante de um panorama esplendido, num jardim coalhado de esbeltas palmeiras e luxuriantes plantas tropicaes em flôr” — escreve Ernesto Hœckel á paj. 68:

“Ce mode de sepulture semble revoltant à la plu-
part des Européens, et, dès l'antiquité classique, on
considerait comme le plus grand des outrages de li-

“vrer un cadavre en pâture aux vautours. Mais, aux
 “yeux du zoologiste, habitué à scruter les phénomènes,
 “il semble plus poétique, plus conforme même à l’es-
 “thétique, de voir un corps bien aimé depecé en
 “quelques instants par le bec puissant des oiseaux de
 “proie que de le voir abandonné a ce lent phenomene
 “de decomposition, à ces rebutantes morsures de vers,
 “qui font du mode de sepulture de nos peuples ci-
 “vilisés quelque chose de si terrible, de si dégoûtant,
 “et de si contraire aux lois de l’hygiène... Mais que
 “ne peut faire adopter le doux effort de l’habitude,
 “ce levier si puissant de l’adaptation!”

(h)

Paj. 154 *Alma apenas capaz de adejar, fujidiça,
 Em vãos leves de uma aza de beija-flôr,
 E obrigada a pairar nas regiões da justiça
 Como um corvo que sóbe ao ceu todo esplendor
 Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...*

Esses versos foram escritos em 1904 ou 1905, antes de ser o autor magistrado, como hoje é, e quando ezeria a profissão de advogado.

A observação convem talvez, ainda que menos necessariamente, á estrofe que, na mesma poezia, figura á paj. 156.

*Na solidão do mato esqueço, ignoro — em suma:
 Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
 Que vive de auto em auto a desfazer-se em espuma;
 E, livre do canudo atroz de bacharel,
 Passo orgulhosamente a ser couza nenhuma.*

(Da 2.^a edição 1909)

(1)

Paj. 136 *Abril, sorrindo em flor pelos outeiros...*

Tem sido varias vezes censurada a poetas brasileiros o deslocarem, por mera sugestão literaria, para os mezes da primavera europea a nossa. E' sabido que em nossos climas falo da rejão tropical em que figura São Paulo. Campos e matas florecem de Setembro a Novembro, com os primeiros calores e as primeiras aguas. E' certo, entretanto, que, no litoral sobretudo, ha em Abril e Maio uma segunda e porventura mais soberba primavera no sentido de *estação das flores*, na qual, sob um ceu deliciosamente claro as varzeas reflorecem com ezuberancia. Em Abril e Maio podem-se notar nas varzeas e encostas de beira-mar numerosas especies de plantas profuzamente floridas arbustos, trepadeiras, ou hervas; e nessa rica florecencia em que as cores se destacam ou se misturam, desde o branco de neve até ao amarelo de ouro, avultam pela abundancia que invade troncos, ramadas e folhajens, a *flor de Maio*, tão cheiroza, a do manacá, de um roxo carregado, e as do nhácatirão, umas brancas, outras roxas, outras vermelhas, confundidas na mesma arvore e no mesmo broto...

Não podem, pois, ser com justiça acoimados de impropriedade, e de espremerem uma simples impressão de leitura os versos em que se diz:

*Quando eu naci, raiva
O claro mez das garças forasteiras:
Abril, sorrindo em flor pelas outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro...*

(m)

Paj. 154 *Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada*
A' macaqueação cabloca do europeu..

O Brazil é, nos tempos modernos quando menos, a unica grande rejião em que se realizou por completo a fuzão de tres raças. O povo brasileiro é um resultando iniludivel dessa fuzão em que peze á ve-leidade dos que querem que impemos de latinos. Agrade ou desagrade isso á nossa vaidade, somos mestiços; é como mestiços que nos estamos constituindo uma grande nação; como mestiços cumpriremos os nossos destinos. O autor deste livro é dos que pensam que devemos cultivar com carinho o sentimento das nossas tradições e ambicionar a creação de uma existencia orijinal, como irijinaes são o nosso meio fisico e a nosso individualidade etnica; e não precisamos desviar-nos açodadamente do nosso caminho, para correr sobre os passos dos outros, e conquistar, pela imitação, uma apagada ezistencia artificial e uma incara-teristica civilização de mero reflexo.

(Da 3.^a edição)

Mantem-se nesta edição o prefacio escrito para a primeira por Euclides da Cunha; prefacio que o autor deste livro considera indissolavelmente incorporado aos *Poemas e Canções*.

— As poezias *Da carteira de um doudo, á paj.* 113 e *Cantigas praianas* de pajs. 86, 88 e 90, figuram no volume *Versos da mocidade*, editado em 1912 pela Livraria Chardron, do Porto. O seu logar proprio era, porém, não naquella coleção, mas nos *Poemas e Canções*, onde não foram antes incluidas por estarem es-

traviadas ao tempo em que appareceram as primeiras edições destes.

— A fls. 41, 47 e 48 deste volume deparam-se tres trechos da *Arte de amar*, poema não concluido, e que o autor não sabe si levará a termo. Provalvemente não; essa obra ficará, de certo, informe e incompleta, como tantas que se projetam, se empreendem, e não chegam a realizar-se. Chegado aos cinquenta e um anos de vida duramente vivida, com pouco tempo e poucas forças pôde já o autor deste livro contar para a realização de ambições ou de esperanças. Os versos a que consegue dar a ultima demão custam-lhe, e sempre assim foi, um grande esforço, de que se vai sentindo de dia para dia cada vez menos capaz. Com esse desanimado sentimento incluiu nos *Poemas e Canções* os trez referidos trechos da *Arte de amar*, unicos, do poema ainda e talvez para sempre informe, que atinjiram a fórma definitiva.

— Das numerosas *Notas* que figuravam nas edições anteriores conservaram-se apenas as que pareceram menos desinteressantes. Uma das suprimidas, longamente explicativa da ortografia adotada no livro, tornou-se de todo inutil, desde que o autor abandonou as restrições com que, a principio, adotara a reforma ortografica aventada pela Academia Brasileira, restrições que a referida *Nota* se destinava a espor e defender. O que o autor deste livro pensa hoje no assunto pôde ser sintetizado em poucas palavras, e nem o cazo merece mais: a ortografia da nossa lingua tende a simplificar-se; tal simplificação dificultada pela força do habito, em uns, e pela timidez de outros, rezultará, afinal, de esforços individuaes multiplicados progressivamente. O autor procura concorrer para isso com o seu modesto esforço.

— Esta terceira edição, aliás muito reduzida em numero de ezemplares, como as circumstancias permi-

tiam, ou aconselhavam, será provalavelmente a ultima a que o autor assista em vida; e não é sem uma certa melancolia que ele aqui se despede, para sempre ao que acredita, dos que até hoje acolheram com tão benevola simpatia os *Poemas e Canções*.

São Paulo, Abril, 1917.

V. de C.

(Da 4.^a edição)

O A. enganou-se quando supoz que, com a terceira edição dos *Poemas e Canções*, se despedia para sempre do publico. Essa edição appareceu em Julho de 1917; e seis mezes depois tinha desaparecido das livrarias, esgotada toda em S. Paulo. A actual devia ser de começos de 1918; vem atrazada de quazi dois anos. Desculpe-se o atrazo á conta da vida que o A. leva, absorvido por trabalhos de outra natureza; e ao declinio da idade, em que ele vai decendo, e em que o passo se torna hezitante e tardo.

São Paulo, Novembro, 1919.

APENDICE

BERNARDIM RIBEIRO

E

VICENTE DE CARVALHO

I

Com o “Roza, roza de amor”... o nosso lyrismo romantico-amoroso toma um novo aspecto, talvez o mais interessante, e, por certo, o mais suave de todos.

O que distingue Vicente de Carvalho é, principalmente, a sua sensibilidade finissima e a sua imponderavel delicadeza de expressão. Não ha nelle um vestigio sequer do vehemente erotismo, tão tropical, tão nosso, de resto, que faz de muitos, da maior parte dos versos de Olavo Bilac, por exemplo, como que appellos de Faunos insaciaveis...

Os seus cantos de amor não se revestem nunca de exhuberancias vocabulares, de referencias atrevidas a seios e braços nus, nem de escabrosas metaphoras provocantes.

Vicente de Carvalho, neste livro, é um irmão retardario de Bernardim Ribeiro.

Esta é, sem duvida, a affirmativa que melhor lhe define o temperamento. Surprehendente, em verdade,

o laço de parentesco espiritual que se estabelece com uma força irresistível, através de mais de quatro séculos, entre os períodos commovidos do “Menina e moça” e as estrophes estranhamente sonoras, do “Roza, roza de amor”.

Pela profunda e leve candidez da concepção; pela espiritualidade, por assim dizer ambiente nas suas paginas; pela ingenua, prestigiosa franqueza que o torna transparente e pela sua aza harmoniosa de sentimento que lhe dá vida, pelos seus traços mais distinctivos, em summa, o “Roza, roza de amor”... não é da idade nem do logar em que surgiu, com o esplendor excepcional de um contraste...

E', até certos pontos — pôde-se dizer sem impropriedade — um phenomeno esplendido de atavismo literario.

Nelle, Vicente de Carvalho é menos um brasileiro que um portuguez — mas portuguez antigo, portuguez contemporaneo de D. Manuel, o Venturoso.

Singularmente immunizada,* a sua inspiração funcionou insensível ás influencias do meio e do momento. Foi como se, ao compôr o poema, se tivesse transferido, pelo milagre do sentimento, numa regressão fantastica, para a época a que pertence o seu espirito e de onde voltou trazendo, crystalisado em versos, o reflexo de algumas das tendencias romanticas mais adoraveis.

“Roza, roza de amor”... não é, pois, o que se costuma chamar um livro actual. Está mesmo, duplamente deslocado — nesta zona e neste século... Mas isso não o prejudica em coisa alguma. Pelo contrario; dá-lhe um acrescimo inesperado de valor.

Vive, plenamente, a vida magnifica da belleza pura e a sua inactualidade typica é o melhor elogio da delicadeza de emoção do grande poeta paulista.

II

O amor, ideado ou vivido, só produz obras de arte notáveis quando é desgraçado, quando soffre. Isto ganhou, já, a intangibilidade hieratica dum axioma. Era, talvez, a intuição dessa lei que fazia a apaixonada e peccadora reclusa do Convento da Conceição, na Beja, escrever ao futil senhor de Chamilly, ha duzentos e vinte tantos annos, este pedido allucinado: — “Amá-me constantemente e faze-me padecer inda maiores males”...

Porque o amor feliz é uma banalidade burgueza. Nivelá-se á chatice quotidiana. E’ por certo o ideal da vida domestica. Mas, é quasi de todo inutil para a Arte.

Nas literaturas, principalmente, a felicidade amorosa apenas occupa os pontos subalternos. Nos vertices, brilham, duma luz triste, mas eterna, dolorosamente empolgantes, todos os que, como Francesca da Rimini, na deslumbradora epopeia dantesca, podem dizer que tingem o mundo com as suas lagrimas e com o seu sangue...

“Noi che tingemmo il mondo di sanguigno”.

Vicente de Carvalho, neste sentido, não pensa doutra fórma. Por isso, na sua obra, o amor, se não chega a produzir o estranho dezejo — “il desiderio di morir”, — de que fala o amargurado Giacomo Leopardi, é sempre, mais ou menos, um synonymo euphemico de soffrimento...

E’ assim em quasi todo o “Velho thema”. Assim, no “Roza, roza de amor”... Assim, tambem, naquellas suavissimas “Cantigas praianas”, onde, como nas melancolicas “Palavras ao mar”, a magua humana tão bem se mistura á immensa tristeza oceanica. Assim, ainda, nos seus contos, de desventura infinita dos humildes, e todos tão emocionados, que até fazem pensar em Fialho de Almeida, mas um Fialho differente do

outro — um Fialho pintor de marinhas, que, ao envéz de viver entre camponezes, passasse a existencia em contacto com pescadores...

O amor doloroso conta nas letras portuguezas, daquem e dalém Atlantico, numerosas composições de merito inconfundivel. Afora outras, menos celebres, menos conhecidas, ha o episodio classico de Ignez de Castro, no "Luziadas". Ha o "Eurico", do prodigioso Herculano. Ha o soluçante "Amor de perdição", de Camillo Castello Branco. Ha o "Constança", de Eugenio de Castro.

Nenhuma dessas, porém, nenhuma só, consegue despertar o gráu de emoção subtilissima que se evola, é, aqui, o unico vocabulo proprio, do "Menina e moça", das cinco cartas de amor de Sorôr Mariana do Alcoforado, e desta triste e quasi immaterial "Rosa, rosa de amor"... que indiscutivelmente encerra muitos dos melhores versos passionaes até agora escriptos na nossa lingua e alguns dos mais finos, mais fascinantes da literatura universal.

JOÃO PINTO DA SILVA.

Do *Diario*, de Porto Alegre. (1916)

HISTORIA DE UM POEMA

Os *Poemas e Canções*, de que são parte os versos que ora nos preocupam, marcam sem duvida uma época culminante na historia da poesia nacional: caracterizam-n'os não só a inspiração rica e espontanea, a maviosidade e o encanto do verso, como ainda outros attributos, perventura mais valiosos, mais raros, e que só se encontram nos periodos aureos — a sabedoria dos conceitos, a sobriedade, a harmonia e a perfeição da fórmula... Vertidos em qualquer lingua, esses versos provocariam, em qualquer época, o mesmo entusiasmo com que os recebeu a critica unanime de Portugal e do Brazil: são um livro essencialmente humano, profundamente sentido, elaborado com a exclusiva preocupação da verdade e da belleza.

Vicente de Carvalho é um poeta sempre igual e que não se repete nunca. A sua lyra tem todas as cordas e vibram todas harmonicas na variedade dos timbres, com a mesma altura inexcedivel. Nos *Poemas e Canções* desdobram-se, em admiraveis syntheses, innumerables paisagens da alma humana: do lyrismo romantico e profundo da *Roza, roza de amor*... á magestade épica de *Fugindo ao Captiveiro*, ao hymno sceptico do *Sonho Posthumo*, no arroubo lyrico das *Palavras ao mar*, no pantheismo gigantesco da *Ternura do mar*, na piedade e no mysticismo pungente do *Pequeno morto*, no humorismo da *Carta a V. S.*, no na-

turismo idealista das *Suggestões do Crepusculo*, — até a preocupação deliberada da fôrma que distingue as *Phantazias do Luar*, estende-se amplamente o poeta, realisando um todo homogeneo e solido, de uma impressionante belleza e variedade.

Estas linhas, porém, não visam uma critica aprofundada de sua obra, e sim apenas refazer a historia de uma das suas poezias, estudando ao mesmo tempo, num exemplar precioso, o seu methodo de trabalho, o seu consciencioso esforço, o implacavel rigor da sua critica applicada a si mesmo. Aliás, o poema *Phantazias do Luar* — principal objecto destas linhas, não é, pelo seu cunho particular, a producção que melhor revéle o poeta nas suas tendencias originaes e profundas; não obstante, dá margem a que o estudemos sob o aspecto particular da sua technica, technica inexcedível cujo exercicio nos é dado acompanhar, estrophe por estrophe, desde o inicio da composição até a sua phase definitiva. O acaso conservou as formas e variantes das *Phantazias do Luar*; graças a essa circumstancia e á generosidade do poeta, que se dignou de nol-as confiar, conseguimos reconstruir a sua historia. Dir-se-á talvez que não se deve devassar a esse ponto a intimidade do artista, mormente tratando-se de um artista vivo, e que os direitos da critica têm limites. Mas, como diz Saint Beuve, hoje ninguem sente os velhos escrupulos de Saint Real: o que se exige é que o critico explique e interprete com sinceridade a obra estudada. Tudo o que concorre para esse fim é licito e admissivel. Que importa que o critico venha tornar publico aquillo que o artista mais se empenha em disfarçar e esconder — o esforço, a lucta dolorosa, quasi tragica, contra as fôrmas inferiores, e quiçá a impotencia e o desanimo? Porque, emfim, qual o escriptor digno desse nome que já deixou de reconhecer e mesmo de confessar o insano labor que lhe custaram as suas obras?

Conta-nos Chateaubriand, no seu prefacio á traducção do *Paraizo Perdido*, que muitas vezes empalideceu dias inteiros em torno de uma simples phrase, e com isso pretendia o grande escriptor francez encarecer o valor do seu trabalho; logo adiante accrescenta elle: “posso affirmar que a essa obra dediquei a minha vida inteira; ha trinta annos que eu leio, releio e traduzo Milton” .. Nem significa outra couza o melancholico brocardo — *Ars longa, vita brevis*.

Vicente de Carvalho não constitue excepção á regra; o seu bacharelato em letras, como elle graciosamente diz, dura ha trinta annos... A poesia tem sido a sua preocupação absorvente, a ella tem dedicado o melhor das suas energias, cultuando-a com uma fidelidade nunca desmentida, e isso explica de certo modo o extraordinario brilho de sua carreira literaria.

A sua profissão de fé, em arte poetica, resumida no breve e admiravel prefacio com que abre os *Versos da mocidade*, é um modelo de sabedoria, de senso e experiencia: “em materia de poesia, diz elle, a expressão é tudo, com a condição, está visto, de ser a expressão de alguma cousa que dentro della viva e palpita... Affirmava Goethe, com razão e graça, que um poeta, emquanto apenas dispõe de uma rica idéa, não possúe ainda cousa nenhuma”. Dest’arte justifica Vicente de Carvalho a rigorosa revisão a que submetteu “os versos que na mocidade escrevera despreoccupado de exigencias que então lhe pareciam formalidades susceptiveis de serem transgredidas impunemente”, porque “o artista, tanto quanto se sente com forças para o fazer, tem sempre o direito de corrigir e melhorar a sua obra, procurando dar-lhe a forma definitiva, isto é, a forma que mais se approxime da relativa perfeição ao alcance dos seus meios: o ponto em que se reconhece de todo incapaz de fazer melhor é o ultimo limite em que deve deter, desanimado e vencido, o seu esforço” Assim o entende o poeta, e a sua obra de-

monstra que esse exhaustivo programma foi por elle religiosamente cumprido.

As *Phantasias do Luar*, como já dissemos, têm uma feição particular; nellas, ao lado da belleza de concepção, brilha com desusado fulgôr a fôrma, cuja paciente modelagem trae um apurado esmero. Compol-as o poeta como que a esmo, lançando os seus versos através de varios cadernos, de permeio com outros trabalhos. A concepção é antiga, mas limita-se a registal-a; não tem ainda um plano definido.

As idéas e imagens acodem-lhe aos bandos, evocadas pela suggestão facil de uma noite de luar: e a primeira estrophe do poema surge de um jacto, quasi perfeita:

Entre nuvens esgarçadas,
No céu pedrento fluctua
A triste, *a* pallida lua
Das balladas.

O artigo *a* foi escripto mais tarde, numa entrelinha, e com elle, o rythmo, apoiando-se na terceira syllaba, melhorou consideravelmente. Os demais versos, apenas esboçados, foram rejeitados ao primeiro exame. Em seguida vem, na sua fôrma primitiva, a ultima estancia do poema:

Quando a lua das balladas
Veste as cousas indistinctas
Do tom aguado das tintas
Estragadas

Já se adivinha que o *aguado das tintas estragadas* formará o fundo transparente e vago da téla phantastica: nenhum traço brilhante, exclusão dos agudos, rimas graves, compasso vagaroso e tristonho.

Determinados os pontos extremos, põe-se o poeta a desdobrar lentamente, entre elles, o thema artistico:

*Sob o luar suggestivo
Paira em toda a natureza
O vago de uma tristeza
Sem motivo.*

Altera o segundo verso para :

Põe sobre tudo em que pesa

e prosegue :

*A paisagem se amacia
No colorido esfumado
De um pintor atordoado
De myopia.*

A expressão — *A paisagem se amacia* — apesar da sua tentadora suavidade não logrou guarida no texto; a myopia do pintor é que hade ser aproveitada, porém mais tarde, depois de muitas hesitações.

E continúa :

*No chão desigual oudulam
Sombras de nuvens. A espaços
De arvores seccas os braços
Gesticulam.*

*Andam phantasmas errantes
Pela encosta das ladeiras,
Entre os grupos das palmeiras
Oscillantes.*

*Nos detalhes da paisagem,
Tosco desenho deforma
Em monstro de estranha fórma
Cada imagem.*

*As cores em mil mudanças
Desmaiam todas; de geito
Que tudo parece feito
De nuanças.*

*As frondes beijam-se, arrulam
E dizem cousas obscenas
Aos velhos galhos que apenas
Gesticulam.*

Nessas estrophes, desprezadas todas, o poeta inicia o desenho impreciso das figuras; as tintas vão-se tornando cada vez mais fluidas; os traços da paisagem delineam-se vagamente na atmosphera enlurada da aquarella. Repete a ultima estrophe ao canto da pagina, dando-lhe a forma quasi definitiva:

*Beijam-se as frondes, arrulam
Mimos, afagos, promessas;
E as arvores seccas, essas
Gesticulam.*

E dizem cousas obscenas era uma reminiscencia licenciosa de Musset, em boa hora supprimida. *Beijam-se as frondes* foi uma inversão feliz, e o segundo verso traduz na sua gradação crescente o balanço das frondes agitadas pela brisa. E prosegue:

*Um delirio manso e triste
Feito de sombra e de alvura
Arrasta, opprime, tortura
Quanto existe.*

Em certos passos é evidente a exacerbação do esforço: extensas lacunas, saltos, elisões, versos sem conta tranbordando do texto, enchendo as margens, demonstram um trabalho continuo e pertinaz, a paciencia

e o ardor de que nos falla Goethe. Procura o poeta exprimir a doentia tristeza das noites de luar mas, depois de tanto trabalho, na apparencia inutil, escreve de novo, com pequenas alterações, as duas ultimas estrophes, parecendo acceital-as desanimado. Em seguida, um traço pinturesco de esplendido effeito:

*E num gesto em que se anima
A torre sóbe direita
A torre sóbe direita
Céu acima.*

Não desiste da imagem — *um delirio manso e triste*, e o indefinido labor recomeça. Nova serie de versos, sacrificados afinal. Desde logo preocupa-se o poeta com a unidade da obra, e, provavelmente com o intuito de vel-a surgir inteira sobre o papel — escreve toda a poesia, melhorando sensivelmente as primeiras estrophes; essa visão do conjuncto permite-lhe calcular a proporção das partes e prever a ordem natural das idéas. E' assim que as phases decisivas de composição assignalam-se quasi sempre por essas copias integraes.

Após infindaveis tentativas consegue dar a uma das estrophes anteriores a forma conveniente.

*A apagada phantasia
Do colorido parece
De um pintor que padecesse
De myopia.*

E resumbra um magnifico effeito de luar esse prisma de vidro fosco que d'ora ávante nos perturba a visão, nublando a perspectiva da paisagem. Volta aos themas anteriores, repéte-os em expressões variadas e approximativas, insiste nas arvores desfolhadas, sacudidas pelo vento e que ficam bracejando na estrophe amputada:

Gesticulam como espectros
.nos espaços,
Descarnados, longos braços
 De dez metros.

Contam-se já cinco copias integraes da poésia ; a letra é clara, perfeitamente legivel, parecendo indicar uma inspiração profunda e calma. Sobre as estrophes inutilizadas veem-se feixes de riscos tortuosos, traçados em vertical, trahindo os interregnos distrahidos da musa.

Entre a quarta e a quinta copia, concebe o poeta uma ballada romantica ; mas abandona logo o projecto ; o cunho objectivo e a caprichosa cinzeladura do poema não compartavam realmente os arroubos romanticos de um apaixonado. No entanto essa variação accidental contem bellos versos, de um rythmo embalador e tristonho, que mereciam ser aproveitados pelo poeta em occasião opportuna :

Não venhas, deixa fechada
Tua janella, vizinha,
etc.

Vela, arde em febre e desejo,
Chóra de raiva e desgosto,
E eu sonhe rosas no rosto
Que não vejo.

E eu sonhe teu labio rubro
Em que teu beijo consente,
Romã que se parte ao quente
Sol de outubro;

E a curva suave e pura
De teus seios.

*Não venhas... No fumo o triste
Luar a tudo deforma;
Perde a côr e perde a fórma
Quanto existe.*

Abandona-os; mas essa variação romantica sugge-re-lhe posteriormente a visão do sobrado burguez que a luz da lua transforma em castello senhorial; um castello apenas, nenhuma ruina melancholica, especifico banal da oleographia, nem mesmo a immensa tristeza nostalgica das planicies batidas de luar a que o poeta se refere alhures. O excesso é prejudicial, ainda que se trate de riquezas, e o artista sabe sacrificar-as em beneficio da proporção, da simplicidade e da harmonia; repugna-lhe amplificar inutilmente o poema, numa difusão redundante de palavras e idéas; o seu escopo é apprehender o essencial das cousas e exprimir a verdade das impressões.

Cópia ainda uma vez a poesia, accrescentando-lhe novas estrophes que são rejeitadas em seguida. Em compensação apparecem, logo após, num surto feliz e raro, algumas estancias perfectas:

Tem o aspecto apalaçado
De pedra cara e macissa
O muro em simples caliça
De um sobrado.

Nem castellã falta a esse
Castello: na luz da lua,
Branca, airoza, semi-nua,
Resplandece,

Numa pose pittoresca
De romance ou de aquarella
A burgueza que á janella
Goza a fresca.

Reproduz então o poema, integrando-as nelle com admiravel justeza. O poeta não perde de vista a unidade e a cada cópia corresponde quasi sempre um novo motivo harmonico ou uma inovação feliz. Na noite enluarada ouve-se ao longe a serenata costumeira :

*Em voz que faz honra á goéla
 Algum trovador de esquina
 Berra, engróla, desafina : —
 Como és bella!*

E o éco ao longe repéte
 O canto phrase por phrase
 Num tom abrandado, quase
 Sem falsete.

Tem-se a impressão de que pretendera por um momento reviver a canção romantica, sem prejuizo da objectividade do poema. Mais uma cópia integral, e, com ella, novo motivo. Agóra é o vozear mysterioso das correntes aereas :

Ha um lyrismo disperso
 Nos ares ; o proprio vento
 Esse broneo, esse praguento
 Falla em verso.

Vóz forte, bruscas maneiras,
 Bocca a fóra pondo os bófes,
 O vento improvisa estrophes
 Condoreiras.

Ao mesmo tempo duas estancias encontram a forma definitiva :

Beijam-se as frondes, arrulam,
 Trocam affagos, promessas,
 E as arvores seccas, essas
 Gesticulam.

Gesticulam como espectros
 No vacuo, tentando abraços
 Com os seus descarnados braços
 De dez metros.

Substitue o substantivo *mimos* da variante anterior pelo verbo — *trocam*, e o verso adquire mais vida; a imagem macabra desenvolvida na estrophe subsequente concorre para accentuar a profunda tristeza que é a feição predominante do poema. Em seguida mais duas copias feitas com extremo cuidado; o poeta parece estimular desse modo o aperfeiçoamento do estylo. E' então que elle condensa em duas estrophes maravilhosas — verdadeiro prodigio de synthese — toda a concepção poetica :

O olhar, o ouvido, a alma inteira,
 Vê, ouve, acredita, sente,
 Quanto sonhe, quanto invente,
 Quanto queira,

Quando, ó lua das balladas,
 Forjas visões indistinctas
 Com esse aguada das tintas
 Estragadas.

E o poema, expurgado das imperfeições mais sensíveis, adquire afinal um ar inalteravel. Apparece pela primeira vez um titulo :

AO LUAR

Entre nuvens esgarçadas
 No céu pedrento fluctua
 A triste, a pallida lua
 Das balladas.

Frouxo luar suggestivo
Põe nas cousas em que pêsá
Uns vagos tons de tristeza
 Sem motivo.

A apagada phantazia
 Do colorido parece
 De um pintor que padecesse
 De myopia.

Longas sombras oscillantes
Por muros e por encostas
Bailam dansas descompostas
De gigantes.

O céu desvairado corre
No tropel das nuvens: sonha
A agulha immovel, tristonha
De uma torre.

Subitamente se anima:
E em nuvens que alastram para
Baixo, a torre sóbe, vara
Céu acima.

¹
 Tem o aspecto apalaçado
 Da pedra cara e macissa
 O *simplex muro* em calíça
 De um sobrado

Nem castellã falta a esse
Castello : na luz da lua,
Branca, airosa, semi-nua,
Resplandece,

Numa pose pittoresca
De romance ou de aquerella
A burgueza que á janella
Goza a fresca.

Ha um lyrismo disperso
Nos ares : o proprio vento,
Esse branco, esse praguento
Falla em verso.

Vóz forte, bruscas maneiras,
Pela bocca pondo os bófes,
O vento improvisa estróphes
Condoreiras.

*Em voz que faz honra á goela
Algum trovador de esquina
Berra, engróla, desafina :
— Como és bella!*

E o écho ao longe repéte
O canto, phrase por phrase,
Num tom abrandado quase
Sem falsete.

*As frondes beijam-se, arrulam.
Trocam afagos, promessas,
E as arvores seccas, essas
Gesticulam.*

Gesticulam como espectros
 No vacuo tentando abraços
 Com seus descarnados braços
 De dez metros.

O olhar, o ouvido, a alma inteira
 Vê, ouve, acredita, sente
 Quanto sonhe, quanto invente,
 Quanto queira,

Quando, ó lua das balladas.
 Bórras visões indistinctas
 Com esse aguado das tintas
 Estragadas.

Já é uma formosa poesia, capaz de satisfazer os mais exigentes; no entanto, o poeta, insatisfeito, põe-se a re-fundil-a integralmente. Denomina-a agora simplesmente — *Luar*.

Supprime a quarta estrophe da ultima variante e vasa em fórma quasi perfeita uma das mais suggestivas imagens do poema:

Assim de um ermo barranco
 A garça alonga no rio
 O seu vulto muito esguio,
 Muito branco.

Neste passo a poesia é reproduzida ainda uma vez na integra, mas já não tem o aspecto inalteravel que d'antes mostrava: a sequencia das imagens interrompe-se bruscamente, a ordem das estrophes se altera; as copias succedem-se fragmentariamente. Sente-se que o esforço do artista culmina nesta phase decisiva: pinta em uma estancia toda a phantasmagoria nocturna do luar — os espectros, as palmeiras oscillantes, o bailado

descomposto das sombras, os aspectos estranhos do
céu nublado :

Tem vagos tons de miragem
De um dezenho sem sentido
O conjuncto descozido
Da paisagem.

Tudo, tudo quanto existe
Extravaga e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.

Mas, das tres estrophes desprezadas destaca a torre
da igreja que será, numa sequencia de maravilhosos
versos, um dos motivos preponderantes do poema.

No firmamento ondulam cirrus alvacentos, sugge-
rindo uma corrente aerea, corrente desmesurada e sem
praias, que o poeta registrára na versão anterior :

*O céu desvairado corre
No tropel das nuvens...*

Nesse fundo tumultuario já avultava

*A agulha immovel, tristonha,
De uma torre.*

Transpõe a imagem, levado pela suggestão das ser-
ranias ondulantes :

O longo perfil do Monte
Como um rio de agua verde
Corre ondulando e se perde
No horizonte.

*Sobre essa sombra que corre
 Agitada se perfila
 A agulha clara e tranquilla
 De uma torre.*

Assim de um ermo barranco
 A garça alonga no rio
 O seu vulto muito esguio,
 Muito branco.

*Uma vida imaginaria
 Palpita, anceia, borbulha
 Naquelle immovel agulha
 Solitaria.*

A imagem da torre é então preponderante; repete-a em variações approximativas, que não satisfazem o poeta; e os versos

*A agulha immovel, tristonha
 De uma torre —*

apezar de tão bellos e suggestivos, foram sacrificados ás exigencias da rima.

Mas volta á imagem e reduz afinal a visão da torre a um traço, leve e inteiramente expressivo:

E sobre essa imaginaria
 Turva corrente projecta
 A alva igreja a sua setta
 Solitaria.

Seguem-se logicamente, com as suas variantes, as estrophes:

Assim de um ermo barranco
 A garça alonga no rio
 O seu perfil muito branco

*Ha contudo alguma cousa
 Nessa fixidez...*
 De aza encolhida de garça
 Que repouza.

*E cuida-se a cada hora
 Que vae num vôo indolente*
 Subir socegradamente
 Céu afóra.

Sonha a torre... E eu acredito
 Que de subito desperte
 Aquelle phantasma inerte
 De granito.

Consegue enfim vazar em forma incomparavel a
 imagem celestial que logo no limiar do poema nos
 transporta, num arrombo mystico, a um mundo de as-
 pirações vagas e indefiniveis:

O longo perfil do monte
 Como um rio de agua verde
 Corre ondulando e se perde
 No horizonte.

E sobre essa imaginaria
 Turva corrente projecta
 A alva egreja a sua setta
 Solitaria.

Assim de um ermo barranco
 A garça alonga no rio
 O seu vulto muito branco,
 Muito esguio.

Sonha, immovel... E acredito
 Que de subito desperte
 Aquelle phantasma inerte
 De granito.

Dorme talvez... Qualquer cousa
 No seu somno se disfarça
 De aza encolhida de garça
 Que repouza.

E eu cuido vel-a a cada hora
 Animar-se; e de repente
 Subir socegradamente
 Céu a fóra.

A imagem desdobra-se com uma precisão absoluta em seis estrophes, cada qual com a sua imagem particular, intimamente ligada ao conjuncto; e a suggestão vae num crescendo phantastico, ao ponto de transfigurar a realidade das cousas, substituindo em nossa visão a torre solitaria pelo vulto branco da garça scismadora; e a igreja afinal é que parece desferir o vôo para o socego mystico da altura...

A' terceira testrophe falta um verso: esse hiato revela uma hesitação. A fórmula anterior era a seguinte:

Assim de um ermo barranco
 A garça alonga no rio
 O seu vulto muito esguio,
 Muito branco.

A symetria impunha que o adjectivo *branco* figurasse no ultimo verso: por outro lado, o qualificativo *esguio*, no final da estrophe, imprimia um forte relevo ao perfil da garça, por ser o seu traço caracteristico. Força era, portanto, sacrificar a symetria ou o relevo. Depois de alguma hesitação, o poeta sacrifica a primeira. De facto, o pequeno accidente asymetrico passa despercebido na visão do conjuncto; defeito seria se o artista não soubesse abrandar o vigor da factura em beneficio da belleza da estrophe, sendo a belleza a propria essencia da poesia.

A composição entra finalmente na sua derradeira phase: é talvez a mais curiosa e a mais rica de ensinamentos: o senso critico do poeta exerce-se agóra com uma segurança infallivel. Escreve a ultima copia, excluindo algumas estrophes e espera que esmoreça o afan do exhaustivo labor. Seu intento é alhear-se da propria obra, afim de contempla-la de fóra e analysal-a a frio. Preocupam-no as minucias: empunha o buril e entrega-se ao delicado officio. Substitue — *sonha a torre* — da versão anterior, por — *sonha imovel*; este adjectivo qualifica precisamente a *torre* que já apparecera numa ds estancias anteriores, aliás transmudada em setta; a sua repitição resultaria sem effeito. No verso — *Cuida-se vel-a a cada hora* — reforça a expressão — *E eu cuido vel-a, etc.*; transpõe o adjectivo simples da setima estrophe — *O muro em simples caliça, etc.*; restabece na decima quarta o hyperbaton — *Beijam-se as frondes*; depura o humorismo exagerado que inquinava na decima segunda estrophe, por incompativel com o tom commedido e tristonho do poema:

Algun trovador de esquina
 Canta a paixão que o devora,
 E a sua voz geme, chóra,
 Desafina —

preenche um hiato no primeiro verso da decima terceira — Ao longe um écho repete, etc.; no ante-penultimo verso da derradeira estrophe substitue *bórras*, um verbo pesado e escuro, por *forjar*, uma expressão de tonalidade magica que no desfecho do poema sugere admiravelmente os efeitos do luar... Escreve afinal o texto definitivo, dispondo as estrophes em nova ordem, de accordo com a feição particular de cada uma e a harmonia do conjuncto:

*Entre nuvens esgarçadas
No céu pedrento fluctua
A triste, a pallida lua
Das balladas.*

*Frouxo luar suggestivo
Contagia a natureza
Como de um ar de tristeza
Sem motivo.*

*Tem vagos tons de miragem
De um desenho sem sentido
O conjuncto descosido
Da paisagem.*

*A apagada phantasia
Do colorido parece
De um pintor que padecesse
De myopia.*

*Tudo, tudo quanto existe
Extravaga e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.*

*O longo perfil do Monte,
Como um rio de agua verde,
Corre ondulando e se perde
No horizonte.*

*E sobre essa imaginaria,
Turva corrente, projecta
A alva igreja a sua setta
Solitaria.*

*Assim de um ermo barranco
A garça alonga no rio
O seu vulto muito branco,
Muito esguio.*

*Sonha, immovel... E acredito
Que de subito desperte
Aquelle phantasma inerte
De granito.*

*Dorme talvez... Qualquer cousa
No seu somno se disfarça
De aza encolhida de garça
Que repousa;*

*E eu cuido vel-a a cada hora,
Animar-se; e de repente
Subir socegradamente
Céu a fóra...*

*Ha um lyrismo disperso
Nos ares... O proprio vento,
Esse bronco, esse praguento,
Falla em verso.*

*Vóz forte, bruscas maneiras,
Pela bocca pondo os bófes,
O vento improvisa estrophes
Condoreiras.*

*Beijam-se as frondes, arrulam,
Trocam afagos, promessas...
E as arvores seccas, essas
Gesticulam.*

*Gesticulam como espectros
No vácuo, tentando abraços
Com seus descarnados braços
De dez metros.*

*Algun trovador de esquina
Canta a paixão que o devóra;
E a sua vóz geme, chóra,
Desafina.*

*Ao longe um éco repête
O canto phrase por phrase,
Num tom abrandado, quase
Sem falsete.*

*Tem o aspecto apalaçado
De pedra cara e macissa
O muro em simples calina
De um sobrado.*

*Nem castellã falta a esse
Castello: na luz da lua,
Branca, airosa, semi-nua,
Resplandece,*

APENDICE

*Numa pose pittoresca
De romance ou de aquarella
A burgueza que á janella
Gosa a fresca.*

*O olhar, o ouvido, a alma inteira
Vê, ouve, acredita, sente
Quanto sonhe, quanto invente
Quanto queira,*

*Quando, ó lua das balladas,
Forjas visões indistinctas,
Com esse aguado das tintas
Estragadas.*

A fórma, na sua plenitude, já não trae o immenso esforço despendido. Estranha belleza, afinal, essa do estylo, feita de rude trabalho, de cançada experiencia e suados sacrificios, belleza tanto mais verdadeira quanto mais fingida, tanto mais joven quanto mais envelhece; a ella convem, na verdade, os versos do *Enigma*, de J. J. Rousseau:

Enfant de l'art, enfant de la nature

*Plus je suis vrai, plus je fais d'imposture;
E je deviens trop jeune à force de vieillir....*

O exame do texto definitivo permite-nos finalmente descobrir algumas das qualidades literarias do nosso grande poeta. Apontemol-as em traços rapidos. Lembremo-nos de que Euclides da Cunha não quiz tocar, receoso talvez de magoal-as com as suas mãos cyclopeas, as petalas mimosas da *Rosa, rosa de amor...* Digamo-lo com franqueza: Vicente de Carvalho ainda espera o seu critico. E' o mesmo Euclides da Cunha

quem o diz, escrevendo a proposito do *Pequenino morto*, em carta que temos sob os olhos: “mais tarde, quando tivermos um critico, um critico á feição de Johnston ou mesmo de Taine, elle quedará longo tempo absorto deante d’aquelles versos excepcionaes, que partem de um modo tão violento os moldes vulgares da nossa poesia”. Vicente de Carvalho é innegavelmente o mais puro, o mais emocional, o maior dos nossos lyricos. Sua gloria crescerá com o decorrer do tempo, e si os contemporaneos já lhe fazem justiça, os posteros lh’a renderão com redobrada vontade...

Detenhamo-nos, porém, na tentativa de penetrar o trabalho divino do poeta; será uma profanação inutil que desencanta sem comtudo explicar. E’ de facto inexplicavel a calma refulgencia lactea desse poema, a precisão phantastica dos seus contornos indecisos, a belleza estranhamente evocativa das suas imagens. Quem explicará a sciencia innata e profunda do rythmo, o mysterio do numero que transfigura a expressão?

Temos que nos satisfazer com o exame dos elementos por assim dizer materiaes do estylo. E o que logo impressiona á simples leitura destes versos é a justeza, a harmonia e a simplicidade das proporções. No verso, como em tudo, o fundo e a fórma são inseparaveis: e o poeta que á habilidade technica allia um natural rico e expontaneo, combina-os em justa medida, dando áquella e a este, em si mesmos e na sua intima relação, a maior força e intensidade. A concepção desenvolve-se naturalmente; ao lado della, a forma se mantem, sem discrepancia, na mesma altura: dahi a unidade, a plenitude, a energia da expressão.

O poeta não distende indefinidamente a sua concepção, mas condensa-a, organiza-a; dir-se-ia que a cada instante, receoso da sua phantasia, confere-a com a natureza e comsigo mesmo, porque a arte deve ser profundamente sincéra e verdadeira... A fórma, por sua vez, é justa e irreductível: o termo empregado é

sempre o termo proprio; a phrase sôa harmoniosa e plena, sem uma palavra visando o simples effeito da pompa, da musica, da rima ou da metrica.

Finalmente o rythmo, que é a propria vida da poesia, a sua razão de ser; mas por elle o poeta não faz jus a encomios, porque é antes um presente dos deuses... Vicente de Carvalho realisou, nestas estrophes, uma obra suprema, um modelo imperecevel. No genero, não ha em nossa lingua nada que o exceda ou eguale: nelle vive e palpita a velha, a eterna poesia da verdade e da belleza.

D' "O Estado de S. Paulo".

MANOEL CARLOS.

INDICE

	Pag.
ANTES DOS VERSOS	1
VELHO TEMA:	
I <i>Só a leve esperança em toda a vida</i>	3
II <i>Eu cantarei de amor tão fortemente</i>	4
III <i>Belas, airozas, palidas, altivas</i>	5
IV <i>Eu não espero o bem que mais desejo</i>	6
V <i>Alma serena e casta, que eu persigo</i>	7
VI <i>"Lembra!" diz-me o passado. "Eu sou a aurora"</i>	8
MENINA E MOÇA	13
PEQUENINO MORTO	17
A INVENÇÃO DO DIABO	25
SUJESTÕES DO CREPUSCULO	31
FRAGMENTOS DA "ARTE DE AMAR":	
I <i>Dizer mal das mulheres é costume</i>	41
II <i>Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente</i>	44
III <i>"Nem mesmo com uma flor"</i>	47
IV <i>Si tua amante é bela</i>	48
FUJINDO AO CATIVEIRO	53
CANTIGAS PRAIANAS:	
I <i>Ouves acazo, quando entardece</i>	77
II <i>E' tão pouco o que desejo</i>	78

INDICE

	Pag.
III <i>Vai, branca e fujidia</i>	80
IV <i>Marial... nome tão doce</i>	84
V <i>Eu sou como aquela fonte</i>	86
VI <i>Sóbe o sol? a noite déce?</i>	88
VII <i>Tinha momentos amargos</i>	90
VIII <i>Vida, que és o dia de hoje</i>	93
DE MANHÃ	97
FANTAZIAS DO LUAR	107
DA CARTEIRA DE UM DOUDO	115

FOLHAS SOLTAS :

I <i>Hontem, hoje, amanhã</i>	125
II <i>Nem só o olhar dos olhos de quem ama</i>	126
III <i>Jezus</i>	127
IV <i>Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio</i>	128
V <i>Vais-te, a sorrir... Que mais queres?</i>	129
IV <i>Tu, moça; eu, quasi velho</i>	130
VII <i>Tu dizes que é loucura este amor</i>	131
PALAVRAS AO MAR	135
TROVAS	145
CARTA A W. S.	151
ORAÇÃO PAGÃ	161
A PARTIDA DA MONÇÃO	167
NO MAR LARGO	183
DESLUMBRAMENTO	189
A VOZ DO SINO	195

SONETOS :

I <i>A um poeta moço</i>	217
II <i>Não me culpeis a mim de amar-vos tanto</i>	218
III <i>Enganei-me supondo que, de altiva</i>	219
IV <i>Uma impressão de D. Juan</i>	220
SONHO PÓSTUMO	223
A TERNURA DO MAR	239
OMNIA VANITAS	247

INDICE.

	Pag.
ROZA, ROZA DE AMOR :	
I <i>Olhos verdes</i>	251
II <i>Manhã de sol</i>	253
III <i>Horas de amor</i>	256
IV <i>Primeira sombra</i>	260
V <i>A flor e a fonte</i>	263
VI <i>Desiludida</i>	265
VII <i>Saudade</i>	267
VIII <i>Serenata</i>	269
IX <i>O dia seguinte do amor</i>	271
X <i>Ultima confidencia</i>	280
NOTAS :	
<i>Da primeira edição</i>	285
<i>Da segunda edição</i>	289
<i>Da terceira edição</i>	290
<i>Da quarta edição</i>	292
APENDICE :	
<i>Bernardim Ribeiro e Vicente de Carvalho</i>	III
<i>Historia de um poema</i>	VII

OFFICINAS DA CASA EDITORA
"O LIVRO"
NOVEMBRO - 1919 - S. PAULO

OLHOS VERDES

Olhos encantados, olhos côr do mar,
Olhos pensativos, que fazeis sonhar!

Que formosas coizas, quantas maravilhas,
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo!
Cortes pittorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,
Solições tranquillias feitos para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amôr...

Olhos pensativos, que falais de amor!

Vem cahindo a noite, vai subindo a lua...
O horisonte, como para recebê-la,
De uma fimbria de ouro todo se debruça:
Afla a brisa, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nellas
Barses arripios de mulher beijada.

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Eil-a que mergulha pela noite vasta,
Pela vasta noite feita de luar. ;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado ao longe nos confins do mar...

Olhos scismadores, que fazeis sonhar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noite é alara! como o céu é lindo?
Leva-me contigo pelo mar. adiante!
Levo-me contigo até mais longe, a essa
Curva do horizonte onde te vaes sumir do,
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa!
Olhos encantados, que fazeis sonhar.

Olhos côr do mar!



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).